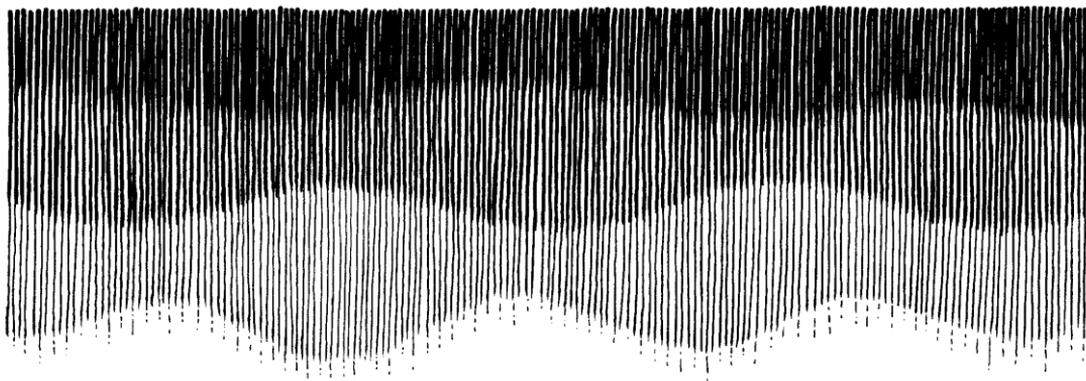


123



Da série: 'Acho que já vi essa ideia em algum lugar...'

LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 14

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Pêssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em vale postal ou cheque nominal a **EDGARD GUIMARÃES**.

Akim (Noblet) (R) 36, 66, 73, 162, 164, 168, 169, 177 – R\$ 4,00 c/ * **Mister No** (Noblet/100 pág.) 7 (B) – R\$ 5,00 * **Giddap Joe Super Edição** (Noblet) (R) 1, 2 – R\$ 10,00 c/ * **Café 2** (B) – R\$ 2,00 * **Cinemin** (Ebal) (B) 30, 33 – R\$ 5,00 c/ * **A Bagaceira** (Ebal) (R) – R\$ 5,00 * **Grandes Figuras** (Ebal/1965) (R) 12 – R\$ 5,00 * **Football – Mordillo** (Meribérica/Liber) (B) – R\$ 25,00 * **Do Guarani ao Guaraná** (Casa de Rui Barbosa) (B) – R\$ 20,00 * **Krazy & Ignatz 1935-1936** (Fantagraphics) (R) – R\$ 20,00 * **Universo Marvel** (Panini) (MB) 8 – R\$ 10,00 * **Sítio – Você Sabia – Abolição e Proclamação da República** (Globo) (MB) – R\$ 15,00 * **Epopeia-Tri** (Ebal) (B) 35, 41, 42, 44 – R\$ 10,00 cada * **Imagens do Ano** (AEF/MG) (B) – R\$ 5,00 * **Asterix – O Presente de César** – capa dura (Bertrand) (R) – R\$ 15,00 * **Asterix – A Volta à Gália** – capa dura (Bertrand) (R) – R\$ 15,00 * **Tintim – O Loto Azul** – capa dura (Record) (R) – R\$ 15,00 * **Tintim – O Tesouro de Rackham o Terrível** – capa dura (Record) (R) – R\$ 15,00 * **Tintim – As Jóias da Castafiore** – capa dura (Record) (R) – R\$ 15,00 * **Tintim – No País do Ouro Negro** – capa dura (Record) (R) – R\$ 15,00 * **Conan – A Lenda** (Mythos) (B) 0 – R\$ 5,00 * **Dan Dare – Voyage to Venus Part 2** (Titan Books) (MB) – R\$ 25,00 * **Tintim – O Ídolo Roubado** (Flamboyant) (B) – R\$ 15,00 * **Tintim – Rumo à Lua** – capa dura (Record) (B) – R\$ 15,00 * **Em Busca do Tempo Perdido** (Zahar) 5 (MB) – R\$ 15,00 * **Fantasma – Casamento e Lua-de-Mel** (RGE) (B) – R\$ 20,00.

LIVROS: Máximas e Mínimas do Barão de Itararé (Record) (R) – R\$ 8,00 * **Sherlock Holmes – O Signo dos Quatro** (Ediouro) (R) – R\$ 6,00 * **Padre Brown – O Homem de Duas Barbas** (Ediouro) (R) – R\$ 6,00 * **Revista Dimensão** (MB) 26 – R\$ 10,00 * **Capitalismo para Principiantes** (Ática) (P) – R\$ 7,00

TEXTOS SOBRE QUADRINHOS: Pacote com cerca de uma centena de recortes de artigos de jornais (“Folha de S. Paulo”, “Estado de S. Paulo”, etc.) sobre HQs – R\$ 20,00 o pacote.

LIVROS DE ENO TEODORO WANKE: O Despertar do Amor (B) – R\$ 8,00 * **A Máquina do Mundo** (B) – R\$ 8,00 * **Pensamentos Moleques** (R) – R\$ 8,00 * **Antologia da Trova Escabrosa** (MB) – R\$ 8,00 * **Cavalo na Chuva** (B) – R\$ 8,00 * **Etc e Tal** (B) – R\$ 8,00 * **Os Três Tijolinhos do Elefante** (B) – R\$ 8,00.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 123 SETEMBRO/OUTUBRO DE 2013

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

EDITORIAL

Mais um pequeno atraso, mas nada sério, ainda saiu dentro do bimestre.

Uma boa quantidade de textos, incluindo as colaborações de Worney e Lincoln Nery, além de colaboradores involuntários, como alguns textos interessantes colhidos aqui e acolá.

Uma ausência que merece menção é o fato de este número não ter a seção ‘Memória do Fanzine Brasileiro’. O número anterior trouxe o último depoimento recolhido. Um trabalho mais completo vai ter que ficar para mãos mais competentes, talvez mais dignas. Desde já, conte com meu apoio moral.

Neste número o leitor está recebendo o primeiro fascículo de um minialbum de quadrinhos com o trabalho do autor português José Pires, gentilmente cedido para o “QI”. No final dos 7 fascículos previstos, o leitor poderá encaderná-los.

Boa leitura!



ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

contém os encartes ‘cotidiano alterado’ 14 e 15

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Edgard Guimarães

Volta e meia os colecionadores, de gibis em particular, são assombrados pela notícia de que existe uma revista tal que saiu em circunstâncias tais e que só quem tem um exemplar é o Fulano de Tal. Maldição! O colecionador comum, o pobre coitado que tenta formar suas coleções comprando suas revistas dia-a-dia nas bancas e livrarias, que sustenta com sua constância todas as editoras do porvir e do já-vai-tarde, não merece isso. Nesta seção serão tratadas estas revistas que podem ou não realmente existir.

A editora Abril usou o nome “Diversões Juvenis” desde pelo menos o início da década de 1960, mas em 1973 começou uma coleção mensal em formato pequeno com este nome. A ideia aparentemente era testar a viabilidade de personagens e os que tivessem boa receptividade ganhariam título próprio. O resultado foi uma grande confusão na numeração de várias coleções que começaram dentro do título, umas pararam, outras continuaram, algumas mudaram de nome, outras foram e voltaram, algumas se misturaram... A seguir, as informações que consegui obter sobre a coleção “Diversões Juvenis”, havendo falhas em determinar até que números foram os vários títulos que seguiram com numeração própria.

Os quatro primeiros números de “Diversões Juvenis” tiveram 100 páginas e encadernação com lombada quadrada. Todos trouxeram pôster. Não trouxeram indicação do número na capa, somente no expediente.

1 (ago/1973). **O Gordo e o Magro** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta O Gordo e o Magro’; no expediente: ‘Diversões Juvenis Nº 1 Edição Especial com O Gordo e o Magro’. Este foi o nº 1 da coleção “O Gordo e o Magro”.

2 (set/1973). **A Pantera Cor-de-Rosa** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta A Pantera Cor-de-Rosa’; no expediente: ‘Diversões Juvenis Nº 2 Edição Especial com A Pantera Cor-de-Rosa’. Este foi o nº 1 da coleção “A Pantera Cor-de-Rosa”.

3 (out/1973). **A Corrida Maluca** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta A Corrida Maluca’; no expediente: ‘Diversões Juvenis Nº 3 Edição Especial A Corrida Maluca’. Este foi o nº 1 da coleção “A Corrida Maluca”.

4 (nov/1973). **Faisca e Fumaça** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Faisca e Fumaça’; no expediente: ‘Diversões Juvenis Nº 4 Edição Especial Faisca e Fumaça’. Este foi o nº 1 da coleção “Faisca e Fumaça”.

A partir do nº 5, as revistas passaram a ter 68 páginas com lombada canoa. Continuaram trazendo pôster até o nº 12.

5 (dez/1973). **O Pica-Pau** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta O Pica-Pau’; no expediente: ‘Diversões Juvenis Nº 5 Edição Especial O Pica-Pau’. Este foi o nº 1 da coleção “O Pica-Pau”, que continuou com numeração própria a partir do nº 2, de outubro de 1974, durando pelo menos uma dezena de números.

Não houve edição com data de janeiro de 1974, mas a partir de fevereiro houve vários meses com uma edição normal e uma especial.

6 (fev/1974). **O Gordo e o Magro** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta O Gordo e o Magro’; no expediente: ‘Diversões Juvenis Nº 6 Edição Especial O Gordo e o Magro’. Este foi o nº 2 da coleção “O Gordo e o Magro”. Em fevereiro saiu também o nº 1 de **Crás!** em formato magazine, trazendo na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta edição especial Crás!’, e no expediente: ‘Crás! é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 6’.

7 (mar/1974). **A Pantera Cor-de-Rosa** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta A Pantera Cor-de-Rosa’; no expediente: ‘Diversões Juvenis Nº 7 Edição Especial com A Pantera Cor-de-Rosa’. Este foi o nº 2 da coleção “A Pantera Cor-de-Rosa”.

8 (abr/1974). **Frajola e Piupiu** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Frajola e Piupiu’; no expediente: ‘Diversões Juvenis Nº 8 Edição Especial Frajola e Piupiu’. Este foi o nº 1 da coleção “Frajola e Piupiu”.

9 (mai/1974). **Folias Romanas** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Folias Romanas’; no expediente: ‘Diversões Juvenis Nº 9 Edição Especial Folias Romanas’. Este título não teve continuação. Em maio saiu também o segundo número de **Crás!** em formato magazine, trazendo na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta edição especial Nº 2 Crás!’, e no expediente: ‘Crás! é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 9’.

10 (jun/1974). **Birutéia a bruxinha** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Birutéia a bruxinha’; no expediente: ‘Diversões Juvenis Nº 10 Edição Especial Birutéia’. Este título não teve continuação. Em junho saiu também uma edição especial de **A Pantera Cor-de-Rosa**; na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta edição especial A Pantera Cor-de-Rosa’; no expediente: ‘A Pantera Cor-de-Rosa é uma edição especial de Diversões Juvenis 10 (Birutéia, a bruxinha)’. Este foi o nº 3 da coleção “A Pantera Cor-de-Rosa”.

11 (jul/1974). **Alceu e Dentinho** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Alceu e Dentinho’; no expediente: ‘Alceu e Dentinho nº 11’. Este foi o nº 1 da coleção “Alceu e Dentinho”. Em julho saiu também uma edição de **Luluzinha**; na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Luluzinha’; no expediente: ‘Luluzinha é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 11 (Alceu e Dentinho)’. Este foi o nº 1 da coleção “Luluzinha”, que continuou com numeração própria a partir do nº 2, em agosto de 1974, durando mais de duas centenas de números.

12 (ago/1974). **Sideral** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Sideral’; no expediente: ‘Sideral nº 12’.



13 (set/1974). **A Corrida Maluca** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta A Corrida Maluca’; no expediente: ‘A Corrida Maluca nº 13’. Este foi o nº 2 da coleção “A Corrida Maluca”, que não teve continuação independente.

14 (out/1974). **Bimbo o elefantinho** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Bimbo o elefantinho’; no expediente: ‘Bimbo nº 14’. Este título não teve continuação.

A partir do nº 15, a revista passou a trazer a numeração na capa.

15 (nov/1974). **Super-Heróis da TV** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Super-Heróis da TV’; no expediente: ‘Super-Heróis da TV nº 15’. Esta série não teve continuidade, mas a Abril começou em 1975 a coleção “Heróis da TV” a partir do nº 1. Em novembro saiu também o terceiro número de **Crás!**, mudando para formato pequeno; na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta edição especial Crás!’; no expediente: ‘Crás! nº 3’ e ‘Crás! é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 15’.

16 (nov/1974). **Os Monstrinhos** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Os Monstrinhos’; no expediente: ‘Os Monstrinhos nº 16’. Este foi o nº 1 da coleção “Os Monstrinhos”. Este número, juntamente com o nº 15, saiu em novembro.

17 (dez/1974). **Os Quatro Bananas** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Os Quatro Bananas’; no expediente: ‘Os Quatro Bananas nº 17’. Este título não teve continuação.

18 (jan/1975). **Bolinha** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Bolinha’; no expediente: ‘Bolinha nº 18’. Este foi o nº 1 da coleção “Bolinha”.

19 (fev/1975). **Faisca e Fumaça** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Faisca e Fumaça’; no expediente: ‘Faisca e Fumaça nº 19’. Este foi o nº 2 da coleção “Faisca e Fumaça”. A partir daí, houve dois números de “Faisca e Fumaça” com numeração própria, o nº 3, de novembro de 1975, e o nº 4, de março de 1976.

20 (mar/1975). **Arquimedes o corujão** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Arquimedes o corujão’; no expediente: ‘Arquimedes o corujão nº 20’. Este título não teve continuação.

21 (abr/1975). **Bolinha** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Bolinha’; no expediente: ‘Bolinha nº 21’. Este foi o nº 2 da coleção “Bolinha”. Em abril saiu também o quarto número de **Crás!**; na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta edição especial Crás!’; no expediente: ‘Crás! é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 21’. A partir daí, houve mais dois números de “Crás!” com numeração própria, o nº 5, de agosto de 1975, e o nº 6, de dezembro de 1975.

22 (mai/1975). **Os Monstrinhos** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Os Monstrinhos’. Este foi o nº 2 da coleção “Os Monstrinhos”. Em maio saíram mais duas edições. O nº 2 de **Frajola e Piupiu**; na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Frajola e Piupiu’, indicando o nº 2; no expediente: ‘Frajola e Piupiu é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 22’. O nº 3 de **O Gordo e o Magro**; na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta O Gordo e o Magro’, indicando o nº 3; no expediente: ‘O Gordo e o Magro é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 22’.

23 (jun/1975). **Abbott & Costello** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Abbott & Costello’; no expediente: ‘Abbott & Costello nº 23’. Este foi o nº 1 da coleção “Abbott & Costello”.

24 (jul/1975). **Bolinha** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Bolinha’; no expediente: ‘Bolinha nº 24’. Este foi o nº 3 da coleção “Bolinha”.

25 (ago/1975). **Jornada nas Estrelas** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Jornada nas Estrelas’; no expediente: ‘Jornada nas Estrelas nº 25’. Este foi o nº 1 da coleção “Jornada nas Estrelas”. Em agosto saiu também o nº 3 de **Frajola e Piupiu**; na capa: ‘Frajola e Piupiu Edição especial de Diversões Juvenis nº 25’; no expediente: ‘Frajola e Piupiu é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 25’.

26 (set/1975). **Sacarrolha** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Sacarrolha’; no expediente: ‘Sacarrolha nº 26’. Este foi o nº 1 da coleção “Sacarrolha”. Em setembro saíram mais duas edições. O nº 4 de **O Gordo e o Magro**; na capa: ‘O Gordo e o Magro Edição especial de Diversões Juvenis nº 26’; no expediente: ‘O Gordo e o Magro é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 26’. O nº 4 de **Bolinha**; na capa: ‘Bolinha Edição especial de Diversões Juvenis nº 26’; no expediente: ‘Bolinha é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 26’. A coleção de “Bolinha” continuou com numeração própria a partir do nº 5, de novembro de 1975, durante quase duas centenas de números.

27 (out/1975). **Birutéia e Os Monstrinhos** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Birutéia e Os Monstrinhos’; no expediente: ‘Birutéia nº 27’. Este poderia ser considerado o nº 2 da coleção “Birutéia, a bruxinha”, mas vamos considerar como sendo o nº 1 da coleção “Birutéia e Os Monstrinhos”.

28 (nov/1975). **Abbott & Costello** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Abbott & Costello’; no expediente: ‘Abbott & Costello nº 28’. Este foi o nº 2 da coleção “Abbott & Costello”. Em novembro saiu mais uma edição. O nº 4 de **Frajola e Piupiu**; na capa: ‘Frajola e Piupiu Edição especial de Diversões Juvenis nº 28’; no expediente: ‘Frajola e Piupiu é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 28’. A coleção “Frajola e Piupiu” continuou com numeração própria a partir do nº 5, de fevereiro de 1976, durante pelo menos até o nº 11.

29 (dez/1975). **Alceu e Dentinho** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Alceu e Dentinho’; no expediente: ‘Alceu e Dentinho nº 29’. Este foi o nº 2 da coleção “Alceu e Dentinho”. Em dezembro saiu mais uma edição, o nº 2 de **Jornada nas Estrelas**; na capa: ‘Jornada nas Estrelas Edição especial de Diversões Juvenis nº 29’; no expediente: ‘Jornada nas Estrelas é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 29’. A coleção “Jornada nas Estrelas” continuou com numeração própria, a partir do nº 3, de março de 1976, até o nº 6, de dezembro de 1976, mais uma edição especial em março de 1978.

30 (jan/1976). **Sacarrolha** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Sacarrolha’; no expediente: ‘Sacarrolha nº 30’. Este foi o nº 2 da coleção “Sacarrolha”. Em janeiro de 1976 saiu mais uma edição, o nº 5 de **O Gordo e o Magro**; na capa: ‘O Gordo e o Magro Edição especial de Diversões Juvenis nº 30’; no expediente: ‘O Gordo e o Magro é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 30’.

31 (fev/1976). **Arquimedes o corujão & Bimbo o elefantino** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Arquimedes o corujão & Bimbo o elefantino’; no expediente: ‘Arquimedes & Bimbo nº 31’. Este foi o nº 1 desse título, cujos personagens já haviam sido publicados separadamente em números anteriores.

32 (mar/1976). **Bicão e Bicudo** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Bicão e Bicudo’.

33 (abr/1976). **Possante** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Possante “O Super Mouse”’; no expediente: ‘Possante nº 33’. Este título não teve continuação com este nome.

34 (mai/1976). **Sacarrolha** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Sacarrolha’. Este foi o nº 3 da coleção “Sacarrolha”, que teve mais uma edição com numeração própria, o nº 4, de setembro de 1976. Em maio saiu mais uma edição, o nº 6 de **O Gordo e o Magro**; na capa: ‘O Gordo e o Magro Edição especial de Diversões Juvenis nº 34’; no expediente: ‘O Gordo e o Magro é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 34’.

35 (jun/1976). **Birutéia e Os Monstrinhos** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Birutéia e Os Monstrinhos’. Este foi o nº 2 da coleção “Birutéia e Os Monstrinhos”.

36 (jul/1976). **Abbott & Costello** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Abbott & Costello’; no expediente: ‘Abbott & Costello nº 36’. Este foi o nº 3 da coleção “Abbott & Costello”.

37 (ago/1976). **Faisca e Fumaça** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Faisca e Fumaça’; no expediente: ‘Faisca e Fumaça nº 37’. Este foi o nº 5 da coleção “Faisca e Fumaça”, que teve dois números com numeração própria e voltou a fazer parte da numeração de “Diversões Juvenis”. Em agosto saiu mais uma edição, o nº 1 de **Super Mouse**; na capa: ‘Super Mouse’, com indicação do nº 1; no expediente: ‘Super Mouse é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 37’. Embora o personagem tenha sido publicado antes com o título “Possante”, aquele não é considerado o nº 1 da coleção. Em agosto saiu também outra edição com o nome ‘Diversões Juvenis’, mas no formato livro horizontal. Foi **As Melhores Piadas do Pinduca**; na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta As Melhores Piadas do Pinduca’; no expediente: ‘Pinduca é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 37’.

38 (set/1976). **Alceu e Dentinho** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Alceu e Dentinho’; no expediente: ‘Alceu e Dentinho nº 38’. Este foi o nº 3 da coleção “Alceu e Dentinho”, que não teve continuidade com numeração própria. Em setembro saiu mais uma edição, o nº 7 de **O Gordo e o Magro**; na capa: ‘O Gordo e o Magro Edição especial de Diversões Juvenis nº 38’; no expediente: ‘O Gordo e o Magro é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 38’. Em setembro saiu também outra edição em formato livro horizontal, **As Melhores Piadas da Arca de Noé**; na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta As Melhores Piadas da Arca de Noé’; no expediente: ‘Arca de Noé é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 38’.

39 (out/1976). **Abbott & Costello** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Abbott & Costello’; no expediente: ‘Abbott & Costello nº 39’. Este foi o nº 4 da coleção “Abbott & Costello”, que aparentemente não teve continuação com numeração própria.

40 (nov/1976). **Speed Racer** – na capa: ‘Diversões Juvenis apresenta Speed Racer’. Este foi o nº 1 da coleção “Speed Racer”. Esta coleção continuou com numeração própria a partir do nº 2, de março de 1977, embora no expediente conste ‘Edição especial de Diversões Infantis’, e durou mais de uma dezena de números, além de um especial em dezembro de 1977.

Por algum motivo inexplicável, a editora Abril decidiu encerrar a coleção “Diversões Juvenis” no nº 40 e no mesmo mês começou outra coleção nos mesmos moldes com o nome “Diversões Infantis”.

1 (nov/1976). **Arquimedes o corujão & Bimbo o elefantino** – na capa: ‘Diversões Infantis apresenta Arquimedes o corujão & Bimbo o elefantino’, com indicação do nº 1; no expediente: ‘Arquimedes o corujão & Bimbo nº 1’. Este foi o nº 2 da coleção “Arquimedes & Bimbo”, que aparentemente não teve continuação com numeração própria.

2 (nov/1976). **Super Mouse** – na capa: ‘Diversões Infantis apresenta Super Mouse’, aparentemente com indicação do nº 2. Este foi o nº 2 da coleção “Super Mouse”. Esta edição também teve data de novembro de 1976.

3 (dez/1976). **Faisca e Fumaça** – na capa: ‘Diversões Infantis apresenta Faisca e Fumaça’, com indicação do nº 3; no expediente: ‘Faisca e Fumaça nº 3’. Este foi o nº 6 da coleção “Faisca e Fumaça”, que aparentemente não voltou a ter continuação com numeração própria.

4 (dez/1976). **O Gordo e o Magro** – na capa: ‘Diversões Infantis apresenta O Gordo e o Magro’, com indicação do nº 4; no expediente: ‘O Gordo e o Magro nº 4’. Este foi o nº 8 da coleção “O Gordo e o Magro”, que continuou com numeração própria a partir do nº 9, de abril de 1977, embora no expediente conste ‘Edição especial de Diversões Infantis’, durando pelo menos duas dezenas de números. Em dezembro saiu também a edição em formato livro horizontal **As Melhores Histórias do Popeye**, trazendo no expediente ‘Popeye é uma edição especial de Diversões Infantis nº 4’.

5 (fev/1977). **Super Mouse** – na capa: ‘Diversões Infantis apresenta Super Mouse’, com indicação do nº 5; no expediente: ‘Super Mouse nº 5’. Este foi o nº 3 da coleção “Super Mouse”, que continuou com numeração própria a partir do nº 4, de abril de 1977, embora no expediente conste ‘Edição especial de Diversões Infantis’, durando cerca de duas dezenas de números. Em fevereiro saiu também a edição em formato livro horizontal **As Melhores Piadas do Prof. Tantã**, trazendo no expediente ‘Prof. Tantã é uma edição especial de Diversões Infantis nº 5’.

Em julho de 1977, saiu ainda a edição **King Tongo**, em formato livro horizontal, com lombada canoa, trazendo no expediente ‘King Tonto é uma edição especial de Diversões Juvenis’.

No período de 1975 a 1977, a editora Abril lançou revistas de vários personagens sem, no entanto, começar as coleções dentro de “Diversões Juvenis” ou “Diversões Infantis”. Em 1975, saíram as revistas “Pernalonga” e “Manda-Chuva”; em 1976, saíram “Zé Colméia” e “Os Jetsons”; em 1977, “Patolino” e “Gaguinho”; e ainda, em 1978, “Bip-Bip”. Por algum motivo, a Abril deve ter julgado que esses personagens não precisavam ser testados para vender.

QUADRINHOS NACIONAIS GANHANDO IMPORTÂNCIA?

Lincoln Nery

Já faz um tempo, eu estava na banca de jornal, quando me deparei com a revista “Saiba Mais com a Turma da Mônica sobre História em Quadrinhos”. Na hora peguei a revista e comprei. A historinha é toda em metalinguagem, é muito bacana e tem bastante referências sobre os principais personagens de HQs e seus criadores, eles até falam de pinturas rupestres e baixos-relevos, como um possível primórdio do que viria a ser HQs, e com a Turma da Mônica apresentando dá um charme a mais. Nós vemos Batman, Tintim, Sobrinhos do Capitão, etc. É bem legal.

Aí chega a parte sobre as HQs no Brasil, e pra minha surpresa é bem bacana! Não só os famosos quadrinhos de humor nacionais, que já são valorizados, são citados, como a época áurea do estilo de terror tupiniquim e o que me deixou mais pasmado, os super-heróis do Brasil não foram esquecidos!

Talvez você não saiba, mas os Estados Unidos não reconhecem Santos Dumont como pai da aviação, para eles o avião foi inventado pelo irmãos Wright. E acham que esse invento que revolucionou o transporte no mundo, uma peça fundamental para a revolução tecnológica que vivemos hoje, foi criado nas terras do Tio Sam.

Com os quadrinhos acontece quase a mesma coisa! Angelo Agostini, um italiano que vivia no Brasil no século XIX já desenhava para a revista “Vida Fluminense” muito antes da criação do Yellow Kid, que é tido historicamente como o primeiro “quadrinho” do mundo. Claro que aqui no Brasil os quadrinhos não têm valor nenhum, o que limita a discussão para algum estudioso do assunto e alguns leitores desse meio de comunicação, não é algo a que seja dado importância como a criação do avião.

O ruim da revista é ser muito curta, poderia ser quase um livro. Uma pena. E no fim, ela não fala nada sobre o movimento dos quadrinhos na internet. É o que faltou para mim.

Um pouco antes disso, em 2008, a MTV passou um pequeno especial sobre HQs Nacionais no seu extinto microprograma MTV Notícias.

E mais recentemente, em 2009, o Canal Brasil fez um interessante documentário sobre o assunto. Muito bem feito, onde temos vários nomes do mercado nacional contando sobre a trajetória dessa mídia no país. São cinco episódios divididos em temas, como HQs de terror, cômicos, etc.

Convidaram-me para o evento de estreia aqui no Rio e posso dizer, ficou bacana. Porém, descobri que não há menção sobre o movimento de quadrinhistas na internet.

Bom, como o famoso quadrinhista Ziraldo já alardeou várias vezes na mídia que “todo mundo que mexe na internet é babaca”, é difícil que o movimento um dia seja levado a sério.

É uma pena que essa etapa em que os quadrinhos nacionais vivem atualmente não seja considerada pelos artistas consagrados e pelas outras mídias, pois é um movimento digno, já que não existe espaço para os artistas e personagens brasileiros atuais. A internet se tornou a única ferramenta para a divulgação dos trabalhos. Relembrar o passado, passar as experiências é ótimo, mas é preciso que se veja o presente e o futuro, senão não haverá renovação.

Claro que é ótimo que as outras mídias e os grandes estejam se interessando pelo assunto.

Eu, pessoalmente, acho que existe um caminho para esses personagens e artistas, um caminho que quem sabe não quer dividir. A internet é apenas uma etapa nesse caminho.

JUCAL & SEVENRAY

Por Lincoln Nery



HERÓIS BRASILEIROS

ABA LARGA

Edgard Guimarães

Ionaldo Cavalcanti, em seu “Mundo dos Quadrinhos”, registra:

“Personagem criado por Getúlio Delphin em 1962 no Rio Grande do Sul. Tratava-se de um aventureiro dos pampas gaúchos. Aba Larga foi um dos frutos da luta pelo quadrinho brasileiro naquela época.”

Segundo Eduardo Cimó, em “Fã-Zine” nº 18, seu dicionário de Heróis Nacionais:

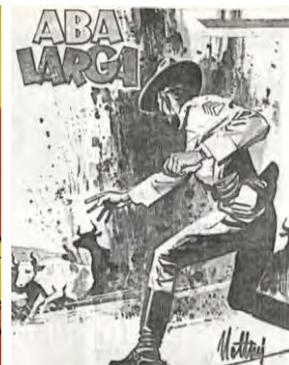
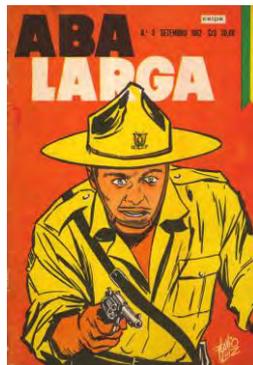
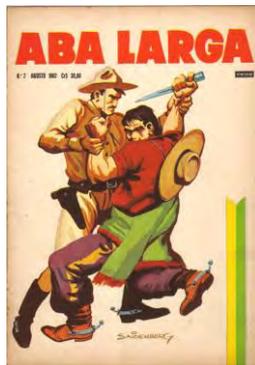
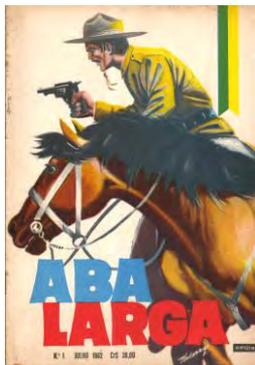
“O personagem foi criado por Getúlio Delphin e publicado pela Cooperativa Editora de Trabalho de Porto Alegre Ltda (CETPA). Foi uma tentativa ufanista de utilizar argumentistas, desenhistas e histórias brasileiras, isto no ano de 1962. Como existe a Polícia Montada no Canadá, Aba Larga é bem parecida com esta polícia, só que é dos pampas gaúchos. ‘Aba Larga’ também foi publicada em tiras no jornal “Última Hora”, no ano de 1963 no Rio Grande do Sul, com desenhos de João Mottini, uma verdadeira obra de arte, onde o Sargento Cunha, o Cabo Biá, o Sargento Plácido e outros vivem aventuras cheias de ação. Em revista própria, Aba Larga teve apenas três números.”

Regimento Aba Larga é o nome com que ficou conhecido o 1º Regimento de Polícia Rural Montada, sediado na cidade gaúcha de Santa Maria, criado em 1955, cuja função era a defesa das comunidades do interior, principalmente no combate ao abigeato (furto de gado), além de prestar assistência médica e veterinária. O nome “aba larga” deve-se ao formato do chapéu dos membros desse regimento, subordinado à Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul, na ativa desde 1837.

Em 1962, a Cooperativa Editora e de Trabalho de Porto Alegre, em seu propósito de criar revistas e personagens de quadrinhos produzidos por brasileiros e ambientados na realidade brasileira, lançou a revista “Aba Larga”, que durou três números entre julho e setembro, no formato normal, 36 páginas, capa colorida e miolo preto e branco.

O primeiro número da revista trouxe capa de Thierry e a aventura ‘O Tesouro das Missões’, desenhada por Getúlio Delphin, sem crédito para o roteiro. O ponto de partida da história faz menção aos jesuítas das Missões, o mesmo tema de Sepé Tiaraju, mas supõe que os jesuítas possuíam tesouros incríveis que tiveram que deixar escondidos quando foram expulsos das terras que passaram a domínio português. A história se resume à busca desse tesouro, numa trama muito fraca e repleta de clichês, onde os Abas Largas fazem um papel inexpressivo. Os desenhos de Delphin são bons, mas um tanto apressados.

O segundo número trouxe capa de Saidenberg e nova aventura desenhada por Getúlio Delphin, agora com o argumento de Hamilton Chaves. Essa história, embora fraca no desenvolvimento do roteiro e ainda com vários clichês, acerta ao situar o enredo na realidade dos pampas gaúchos: as comunidades do interior, as festas de carreirada, a ameaça de bandidos. O desenho de Getúlio Delphin está mais elaborado e retrata bem o cenário gaúcho.



O terceiro e último número trouxe capa de Flavio Luiz e aventura produzida por Getúlio Delphin e Hamilton Chaves. Os costumes dos pampas gaúchos voltam a ser tema da história, com vistas para o trabalho de marcação do gado. O enredo se mantém verossímil, agora tratando do roubo de gado. Ainda há um tanto de lugar comum, mas a história flui melhor e os desenhos de Delphin também estão mais caprichados. Se a revista tivesse continuado, provavelmente traria uma evolução significativa no texto e na arte. Não sei se uma quarta aventura chegou a ser produzida, mas a capa do número quatro foi feita, uma bela ilustração de João Mottini, mostrada acima, à direita, retirada do fanzine “O Grupo Juvenil”, de Jorge Barwinkel.

A CETPA visava à produção de HQs brasileiras não só na forma de revistas, mas também na forma de tiras para jornais. Vários personagens, como ‘Zé Candango’, de Zé Geraldo e Canini, ‘Bingo’, de Ayton Thomaz, ‘Lupinha’, de Bendati, e ‘Sepé’, de Cavaleiro Lima e Flavio Colin, ganharam tira própria, publicada no jornal “Última Hora” a partir de final de 1962.

‘Aba Larga’ também foi produzido na forma de tira para o jornal gaúcho “Última Hora”, com os desenhos a cargo de João Mottini, sem crédito para o roteiro. Neste trabalho, Mottini, que já tinha uma longa carreira internacional como quadrinhista, fez um trabalho da mais alta qualidade, de fazer inveja às grandes obras dos quadrinhos. O roteiro não se distinguia muito do padrão das histórias de aventura, a maior qualidade era justamente retratar a realidade da vida gaúcha.

Infelizmente não há muita informação sobre estas tiras produzidas pela CETPA, o pouco que se conhece é graças a Jorge Barwinkel, que publicou algumas amostras em seu fanzine “Grupo Juvenil”, entre 1985 e 1990. Da série ‘Aba Larga’, Barwinkel publicou algumas tiras nos números 6, 7 e 14 de “O Grupo Juvenil” e uma aventura completa (47 tiras) nos números 22 e 23. Pelo que se vê das amostras publicadas por Barwinkel, ‘Aba Larga’, assim como as outras séries, começou a ser publicada no final de 1962, indo até pelo menos a tira 172, em 15 de maio de 1963.



Em 1987, a Brigada Militar, em comemoração aos seus 150 anos, lançou uma coleção composta de vários livros, históricos, romance, de contos, crônicas e poemas, até livro infantil. Um dos lançamentos foi a revista de quadrinhos “O Aba-Larga”, no formato 160x230mm, com 52 páginas em preto e branco, contendo 3 aventuras produzidas por Oriz Morari Abiz (argumento) e Antonio Têlvio Oliveira (argumento e desenho). As histórias foram produzidas em 1977 e, pelo que se informa, seus originais pertenciam ao Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. O desenho de Antonio Têlvio é bom e é razoável supor que tenha sido influenciado pelas revistas da CETPA, visto que as histórias seguem mais ou menos a mesma linha. Mas tem qualidades próprias. A primeira história mostra o velho cabo Jovino, responsável sozinho pela manutenção da ordem numa região assolada por um bando de ladrões. Seu pedido de reforços é negado e seu comandante ainda exige que ele cumpra seu dever. Com o orgulho ferido, tenta enfrentar sozinho o bando. Consegue algum resultado, mas é ferido mortalmente. Seu filho

Terêncio, ainda moço, vai ao socorro do pai e consegue terminar o serviço, socorrer o pai, mas este não resiste aos ferimentos e morre a caminho da cidade mais próxima. Terêncio leva um bandido sobrevivente até o Comandante dos Abas Largas e é saudado por seu feito. Algum tempo depois, já adulto, é convidado a se ingressar no Regimento dos Abas Largas. Na segunda aventura, Terêncio, já no posto de cabo, enfrenta contrabandistas de armas e, praticamente sozinho, vence todo o bando. A terceira aventura começa mostrando as lidas do campo e o sumiço de uma boa quantidade de reses. Com alguns companheiros, Terêncio desvenda o mistério do sumiço, e acaba enfrentando sozinho todo o bando. Apesar de usar também muitos lugares-comuns, como a fuga de um local em chamas ou o truque de jogar balas no fogo para parecer que são muitas pessoas atirando, as histórias têm um ritmo bom, boas ideias e, o principal, ambientam a trama, de modo convincente, na realidade brasileira.



O ano de 1962 viu aparecer também o filme “Os Abas Largas”, um dos primeiros filmes de faroeste gaúcho, rodado na cidade de Santa Maria, dirigido por Sanin Cherques. O filme era uma produção carioca, mas foi o primeiro longa metragem rodado na região de Santa Maria e contou com a maioria do elenco composta de atores locais. O papel feminino principal já estava reservado para uma atriz carioca, mas acabou ganho por uma jovem de Porto Alegre, pela semelhança com Elizabeth Taylor. O propósito dos produtores do filme era contar as aventuras dos Abas Largas a partir dos relatórios escritos pelo Tenente Oriz Morari Abiz, integrante do regimento. A produção agitou a vida da região e contou com a população local fazendo figuração, além da colaboração do próprio Regimento de Polícia Rural Montada. O envolvimento da Brigada Militar chegou ao ponto de repetirem o desfile de Sete de Setembro para que pudesse ser filmado, pois no dia certo havia chovido.

QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

TONICO E PETROLINO

Edgard Guimarães

A publicação de HQs no Brasil, apesar de tudo, é muito rica e sempre se encontram exemplos admiráveis. Esta coluna fará o registro de algumas dessas edições inusitadas, quase sempre de circulação restrita.

Várias empresas e instituições já fizeram uso de revistas em quadrinhos para fins promocionais. De modo geral, são publicações esporádicas e sem maior interesse do ponto de vista artístico ou mesmo informacional. A Petrobrás, no entanto, produziu quase meia dúzia de edições conseguindo bons resultados em pelo menos algumas delas. A rigor, tenho conhecimento de 5 edições de quadrinhos produzidas pela Petrobrás. Nem todas estão datadas, portanto a ordem em que serão analisadas será meio arbitrária.

A primeira delas, com o título “Tonico e Petrolino”, foi produzida em 1967, com roteiro de Vânio Coelho e desenhos de Wilson Pinto. Com 32 páginas coloridas no formato normal, é a que conseguiu o melhor resultado. O menino Tonico é um aluno estudioso e, como prêmio por uma redação sua, ganhou uma viagem pelo Brasil por conta da Petrobrás, para conhecer tudo que se relaciona a petróleo e à empresa. Seu guia é Petrolino, “um cara que sabe tudo sobre petróleo”. Este Petrolino, embora trajando uniforme de funcionário da Petrobrás, visualmente é caracterizado como um símbolo da empresa, em vez de uma pessoa normal. Ao longo de toda revista, a história, entremeada com ilustrações e passatempos, mostra todos os aspectos da prospecção do petróleo, desde a pesquisa para achar o óleo, a origem de sua formação, como extrai-lo do solo, o transporte através de oleodutos e petroleiros, os processos nas refinarias, os vários subprodutos e suas utilizações, até o ponto final da distribuição do combustível nos postos. O resultado final é uma revista muito boa, muita rica em informações, com uma carga leve de autopromoção, o que é natural.

A segunda revista, com 36 páginas coloridas no formato normal, teve desenhos de Wilson Pinto e Horácio e foi produzida antes de 1972 (o que se depreende pela ortografia anterior à reforma de 1972). Também com o título “Tonico e Petrolino”, traz os personagens levemente modificados. Petrolino não é mais tão estilizado quanto na primeira revista, mas ainda parece mais um símbolo da empresa do que uma pessoa. As três histórias são mais fantasiosas do que informativas, com viagem no tempo (a máquina está disponível num parque de diversões!), visita de ETs e coisas do tipo. O resultado deixou a desejar, não trouxe as informações como na edição anterior, nem trouxe uma história que fosse interessante.



A terceira revista, colorida, já em formatinho, impressa pela Bloch, ainda mantém o título “Tonico e Petrolino” com o subtítulo ‘Uma Aventura no Atlântico’. A arte continua de Wilson Pinto, mas seu traço está bem diferente, e o Petrolino agora parece mais uma pessoa normal, com uniforme de funcionário da Petrobrás. A revista traz alguma informação sobre o petróleo e a Petrobrás, mas a maior parte mostra uma fraca aventura onírica com tsunamis, tubarões, baleia e até Pinóquio e Gepeto.

A quarta revista, em formatinho colorida impressa pela Bloch, abandonou o Tonico e colocou no lugar o frentista Gentil. Nessa edição de 1994, com os desenhos cada vez melhores de Wilson Pinto, Petrolino, agora sem dúvida uma pessoa normal, ganha um concurso para fazer um documentário sobre a Petrobrás e convida Gentil para fazer a filmagem. A história volta a se concentrar nas informações sobre a Petrobrás, atualizando o que foi mostrado na primeira revista.

A quinta revista continua com “Gentil e Petrolino”, com o subtítulo ‘O Petróleo Nosso de Todos os Dias’, e traz agora uma turma inteira de crianças. Dividida em histórias curtas, algumas sem qualquer informação relevante, consegue melhor resultado na primeira história que mostra como seria um mundo sem os derivados do petróleo.

Entre altos e baixos, uma ótima iniciativa da Petrobrás a produção dessa série de revistas de quadrinhos.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Texto de Elydio dos Santos Neto e Marta Regina Paulo da Silva para divulgação do livro

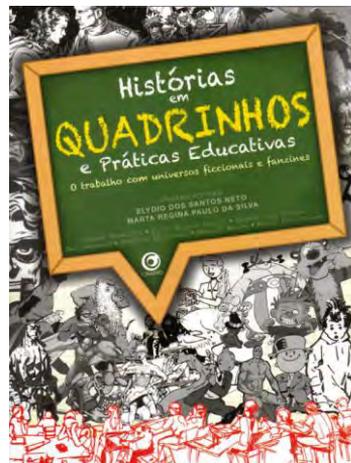
Não faz muito tempo, embora fossem lidas pelas grandes massas, as histórias em quadrinhos eram consideradas nocivas por muitos pais e educadores. Porém, também é verdade que, e já faz algum tempo, com o auxílio de estudiosos, pesquisadores, educadores, editores e apaixonados por quadrinhos, elas deixaram esta condição e passaram a ser consideradas como arte e como meio importante de comunicação e, hoje cada vez mais, uma das linguagens que podem integrar os processos educativos escolares ou não escolares. Também os fanzines, que já tiveram seus anos dourados e nesse momento são descobertos e reinventados, vão sendo compreendidos como uma forma de expressão e criação capaz de gerar criticidade, autonomia e autoralidade.

História em Quadrinhos e Práticas Educativas: O Trabalho com Universos Ficcionalis e Fanzines nasceu da necessidade de colocar em mãos de educadores e educadoras – que trabalham ou desejam trabalhar com quadrinhos, estimulando seus alunos a criar universos ficcionais ou convidando-os às práticas de criação de fanzines – um material que sirva como referência para elaborar algumas respostas criadoras a este desafio. Contudo, presta-se não somente aos educadores das mais diferentes licenciaturas, mas a todos os que desejam, trabalhando com quadrinhos e fanzines, desenvolver autoralidade, comunicação, diálogo, questionamento, mudança, transformação ou simplesmente a possibilidade de dizer como se lê o mundo.

O livro trabalha dois aspectos específicos: a criação de universos ficcionais nos quadrinhos e a elaboração de fanzines. A ideia básica que perpassa toda a obra é que o processo de criação de universos ficcionais não é privilégio de alguns. E tais universos podem ser criados, desenvolvidos, publicados, partilhados por meio dos fanzines. Estes podem ser um interessante artefato cultural a compor novas propostas educativas que exijam, de modo especial, a autoralidade. Como se sabe, o fanzine é um meio de expressão marginal aos mercados oficiais de diferentes publicações, e tem servido para que os apaixonados por diferentes artes (poesia, música, cinema, quadrinhos, literatura, política, etc.) expressem suas maneiras de ver e dizer o mundo sem a necessidade da aprovação de um selo editorial, utilizando-se para tanto dos recursos a seu alcance e dentro de suas possibilidades financeiras: mimeógrafo, xerox, outras formas de impressão e a internet. O importante neste processo é que o autor não deixa de tornar pública sua produção, mesmo que ela circule entre um número limitado de interessados, porque esta ou aquela editora, de olho no mercado, recusou a fazer a publicação. Este recurso, aberto a qualquer um que queira pensar/criar/expressar-se, pode ser levado também às práticas educativas.

Espera-se que esta publicação possa estimular ações educativas que tenham a criação de universos ficcionais, os fanzines e as histórias em quadrinhos como referências. Afinal, estamos em tempo de reinventar nossas culturas e nossas sociedades, e alguns dos caminhos aqui apontados, que provocam os seres de narrativas que somos cada um de nós, podem ser alternativas interessantes para o despertar de nossa necessidade de reinvenção do nosso mundo, em nossos sonhos e em nossos cotidianos.

Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas: O Trabalho com Universos Ficcionalis e Fanzines – Editora Criativo –
Organizadores: Elydio dos Santos Neto e Marta Regina Paulo da Silva – **Autores:** Edgar Silveira Franco, Gabriel Lyra Chaves, Matheus Moura Silva, Henrique Magalhães, Edgard Guimarães, Gazy Andraus, Elydio dos Santos Neto, Marta Regina Paulo da Silva, Rafael Felix Pelvini –
Formato 21x28 cm – **Nº de páginas:** 112 – **Preço:** R\$ 39,90 – **Onde encontrar:** www.comix.com.br ou www.artcamargo.com.br.



Gazy Andraus, Edgar Silveira Franco, Elydio dos Santos Neto e Marta Regina Paulo da Silva no lançamento do livro, no dia 21 de agosto, durante o evento 2^{as} Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.



Lançamentos Setembro 2013



Quadrinhos nº11

Publicação de quadrinhos e afins. 84 páginas formato A5, capa color couchê 230g, miolo couchê fosco 90g. R\$ 10,00 (+ 2,00 para entrega postal simples ou 5,00 registrada). Edição recheada de atrações para os fãs de quadrinhos, com trabalhos inéditos de Emir Ribeiro, Bira, Flávio Calazans, Gazy Andraus, Luciano Irrthum, Henrique Magalhães, Edgard Guimarães, Marcos Freitas & Batata e a participação do norte americano Vaughn Bodé, que *Atomic* começa a resgatar, com uma aventura cheia de adrenalina de sua série Cobalt60. Em *Repórter HQ*, artigo sobre Jack Kirby, o Rei também das tiras diárias; entrevista com Flávio Calazans, quadrinista e editor do Fanzine Barata e a coluna *Taverna do Quadrinhos* com notícias sobre Hq's, fanzines entre outros textos + cartas dos leitores. Capa de Emir Ribeiro e 4ª capa de Vaughn Bodé.



Monstros dos Fanzines nº1

Publicação dedicada aos grandes fanzineiros. 136 páginas formato A5, capa color couchê 170g, miolo couchê fosco 90g. R\$ 15,00 (+ 3,00 para entrega postal simples ou 7,00 registrada) Estréia do Projeto Monstros, com o trabalho do genial artista Joacy Jamys. Este cara partiu cedo mas deixou uma bela obra, que repercute ainda hoje e a Atomic faz a devida reverência com este fanzine repleto de atrações para todos os gostos: dezenas de hq's, tiras, ilustrações, cartuns, capas, logotipos, entrevista e artigo de Gazy Andraus, um catálogo de sua obra e criações, posfácio de Henrique Magalhães e capa de Félix Reiners lembrando sua mais cativante série de ficção fantástica a saudosa Contos Fictícios. No número 2 outra atração de peso já confirmada: Flávio Calazans!



The Bodé Broads - Quadrinhos Extra nº1

24 páginas, formato A4, capa reciclado pb 170g e miolo reciclado pb 90g. R\$ 7,00 (entrega inclusa). Coletânea com desenhos espetaculares das 'mulheres' de Vaughn Bodé em poses pra lá de sensuais e inusitadas, com aquela criatividade na composição, marca registrada deste autor de grande talento, mas pouco publicado por aqui. No final da edição comentários do próprio sobre cada uma das peças. Como prometido, começa o resgate da obra de Vaughn Bodé, artista já falecido com uma obra muito interessante e praticamente inédito no Brasil.

MARCOS DE FREITAS DA SILVA
 BRADESCO
 AG: 3140-2
 CC: 9460-9
 CPF: 595802401-91

Av. Brasiliano Indio de Moraes, 558 - Passo D'Areia
 CEP 91030-000 - Porto Alegre - RS -
 Fone: (51) 3343.6464 - 9523.0790
 fanzinequadrinhos@gmail.com -
 mfreitas333@yahoo.com.br



ATOMICBOOKS

fanzinequadrinhos.blogspot.com.br



Almanaque de Araque: é uma reunião dos 4 números do fanzine publicado em 1995. São quadrinhos, cartuns, tirinhas, paródias e sobretudo muito humor!

Quadrinhos e Humor

Perdidos no Planeta dos Macacos: em parceria com o escritor Saulo Adami, especialista no tema. Uma espetacular aventura através da história da humanidade.



Os álbuns podem ser encontrados no site:

www.clubedeautores.com.br

digitando no campo de busca Angelo Júnior.

Há também livros de contos de humor, do mesmo autor.

Contatos: angelomsjunior@yahoo.com.br



Tira de Luiz Cláudio Lopes Faria

CUIDADO!

Há vários anos tenho comprado revistas de quadrinhos através do site da Banca 2000 e nunca tive problemas. Este site, apesar de demorar um pouco para fazer o envio, sempre teve bons descontos na grande maioria dos títulos. Porém, a situação mudou. No começo de junho fiz uma compra de certo porte e até o momento não recebi. E não creio que receberei, pois o site está praticamente desativado. Já contatei o responsável, Flávio Uriondo, várias vezes para obter o reembolso do valor pago e não obtive resposta. Imagino que tenha tido problemas para não ter honrado seu compromisso, mas o leitor do "QI" fica avisado.

FÓRUM

ABELARDO SOUZA

R. Osvaldo Prado, 102 – Mesquita – RJ – 26580-370

Tenho recebido periodicamente os “QIs”. Isto demonstra o grande trabalho que você tem para com os seus leitores. Parabéns. Estou bastante interessado nos trabalhos extras enviados, como ‘cotidiano alterado’. Este devia figurar nas revistas baseadas nas HQs. Estou enviando xerox de “Seleção de Cromos Abril”. São os que eu tenho. Há possibilidade de comunicar-me a relação completa desses Cromos? Acompanha esta uma reportagem realizada pelo jornal “O Dia” de 26/3/1995. Tinha saído do hospital. Dengue. Mal sabia que em dezembro do mesmo ano operaria o coração.

Eu não tinha conhecimento dessa coleção “Seleções de Cromos Abril”, lançada em meados da década de 1980 pela Editora Abril. Pelo que pude perceber, eram álbuns de figurinhas em formato pequeno com cerca de 16 páginas. Em alguns deles, na capa indica que vem com 6 envelopes trazendo todas as figurinhas para completar o álbum. Em outros, a indicação na capa diz que bastam 6 envelopes trazendo figurinhas não repetidas, mas entendi que deviam ser comprados separados. Nas imagens enviadas por Abelardo, apenas um álbum tem numeração na capa, o de nº 9. Os demais tinham na capa um número colocado pelo próprio Abelardo, não sei se internamente eram numerados. As capas envidadas por Abelardo são:

- 9 – Férias na Fazenda
- 33 – Esquadrão Classe A
- 34 – Você é... Ou você é...
- 36 – Super Máquina
- 37 – O Circo Mágico do Alegria
- 38 – Wuzzles
- 39 – Ursinhos Gummi
- 40 – Moto Laser
- 41 – Meu Álbum de Natal

Como disse, eu não conhecia esta coleção, portanto, não tenho maiores informações, mas consultando o MercadoLivre, vi em oferta, três títulos além dos mencionados: - Os Monstrinhos Divertidos no Carnaval; - Descobrimento do Brasil; - Uma Máquina Chamada Corpo Humano.

Um detalhe interessante é que em várias das capas enviadas por Abelardo há a inscrição “História Completa”, o que indica que as figurinhas formavam uma história em quadrinhos, um tema já tratado no “QI” 114.



Texto de Cláudia Maria, publicado no jornal “O Dia” de 26/03/1995.

Eles são seres aparentemente normais. Gostam de locais fechados, odeiam traças e baratas e podem ser encontrados em qualquer parte do mundo. São os gibimaniacos. A Baixada Fluminense parece possuir um clima apropriado para a proliferação da espécie. Eles possuem de tudo, desde raridades como Tico-Tico – personagem criado no Brasil há mais de 40 anos – até heróis mais modernos com X-Man, mutantes que estão fazendo a cabeça dos jovens. Há muito tempo, a leitura de gibis deixou de ser coisa de criança. Quem pode dar bom exemplo disso é o professor de Língua e Literatura Abelardo de Souza, 59 anos. Ele é um dos maiores colecionadores da Baixada. A casa onde mora em Nova Iguaçu é um museu de raridades. Tem o Flash Gordon em tamanho de livro de bolso e o Fantasma em formato grande. O Tio Patinhas número 1 e a coleção inteira de Monteiro Lobato também fazem parte do acervo do professor. “Comento os textos com meus alunos. O tipo de literatura é aconselhável e bem feita”, avalia.

LAFAIETE NASCIMENTO

R. Bento Rodrigues, 530 – J. Tupi – São Paulo – SP – 04939-120

É com prazer que te envio o meu fanzine “Inconsequente Coletivo” nº 2 para divulgação no “QI” (pena que a 1ª remessa sumiu pelos limbos dos Correios, mas, enfim...). Espero que você goste. São 2 cores diferentes de capas, pois as 1ªs 50 foram na folha flúor, a segunda leva nessa cor creme. As 2 últimas também terão cores diferentes.

LINCOLN NERY

R. Olina, 33 – Rio de Janeiro – RJ – 20740-070

Divulguei o “QI” nas páginas que administro e para tanto criei um banner para ajudar na visualização, te envio em anexo a imagem, caso ache interessante e queira usar. Também envio uma arte que fiz esse ano, baseada no rosto de uma amiga minha e que não publiquei em lugar nenhum.



Ilustração de Lincoln Nery

JOSÉ PIRES

R. D. Carlos Mascarenhas, 107, 4º Esq – Lisboa – 1070-082 - Portugal

Estou esperando as últimas seis páginas para terminar ‘O Gavião dos Mares’. O ‘Capitão Meia-Noite’ foi mais um sucesso do mestre Walter Booth, publicado no magazine britânico ‘Puck’, nos anos quarenta do século passado e que o jornal português ‘O Mosquito’ também publicou. Por isso ficou gravado na memória da rapaziada do meu tempo. Tenho também outro projeto dele – aventura mesmo o mais famoso de todos – ‘Rob the Rover’, que sei ter sido também publicado na época no Uruguai. Foi também publicado entre nós e na Itália, nos tempos do Mussolini, onde o tornaram ‘italiano’ e membro das suas juventudes fascistas, imagine. Creio que também irá gostar. Aquele Walter Booth era o que eu conheço de mais parecido com um gênio.

MARCOS FABIANO LOPES

Av. Suarão, 2181 – J. Suarão – Itanhaém – SP – 11740-000

Ficou muito bacana a ilustra do Fantasma Negro no ‘QI’. Suas informações sobre as publicações do personagem de Tony Fernandes são um guia para os colecionadores desse fantástico super-herói brasileiro. O ‘QI’ continua com ótimas colunas e resenhas das publicações independentes.

MARCOS FREITAS

R. Brasileiro Índio de Moraes, 558 – Porto Alegre – RS – 91030-000

Segue meu novo zine ‘Nomes’ 1. Fim do mês estarei te enviando ‘Monstros’ 1, uma loucura editorial típica de um zineiro doido que nem eu, com 136 páginas de Joacy Jamys. Capa color offset, miolo p&b com a obra do nosso querido JJ! Me ajude a divulgar.guardo tuas colaborações para ‘Quadrinhos’ 11, que sai após ‘Monstros’, texto, tiras, HQ, o que quiser, a casa é tua.

ANTONIO PEREIRA MELLO

R. Oscar Henrique Zappe, 212 – Santa Maria – RS – 97045-350

Recebi, li e gostei muito da edição 122 do ‘QI’. Destaco ‘Mistérios do Coleccionismo’, ‘Um Novo Universo’, ‘Super Gibi’, do qual recebi os dois números enviados pelo meu grande amigo José Salles. Destaco também ‘AQC 100 Vezes’ e o depoimento do editor Flávio Calazans. O meu enteado e a minha enteada adoraram os n.ºs 12 e 13 do ‘cotidiano alterado’ e ‘outros cotidianos alterados’.



Tiras enviadas por Antonio Pereira Mello

ANTONIO ARMANDO AMARO

R. Haia, 185 – São Paulo – SP – 03734-130

Recebido o ‘QI’ 122. Começo dizendo que adorei a capa deste número. Parabéns mesmo! O velhote caipira poderia ser um de nós, eu, graças a Deus, não sofro do Mal de Alzheimer, mas mesmo assim muitas vezes eu me pergunto de onde vim, que faço nesse mundo doido, onde o ser humano vive para a matéria e para as futilidades e se esquece que somos espírito e não seres materiais. Gostei como sempre dos seus artigos. ‘Vizunga’, do mestre Flavio Colin, era algo inédito e, na minha opinião, uma obra de arte. Infelizmente, neste Brasil o que é bom dura pouco, é uma pena. Como você sabe, também na década de 1960, o Maurício de Sousa publicava mais dois heróis brasileiros, que eram ‘O Gaúcho’ do mestre Júlio Shimamoto, e ‘O Bandeirante’, do mestre Osvaldo Talo. Pena que o Maurício de Sousa não continuou publicando esses heróis. Também acho que ele deveria publicar os clássicos da literatura brasileira em quadrinhos com desenhos realistas. Acredito que daria emprego para muitos artistas brasileiros de qualidade, e temos diversos, não é? Com respeito ao herói Fantasma Negro, não gostava do personagem. Com respeito às páginas do Worney, desta vez ele cita as ilustrações do mestre Colonnese, um artista que sempre me cativou, o homem fez de tudo em quadrinhos, desde histórias de santos a de sacanagem. É uma pena que artistas do gabarito de um Colonnese, um Rodolfo Zalla, um Sérgio Lima, acabassem desenhando sacanagem, mas acredito que não havia outros trabalhos de outros gêneros de quadrinhos, não é? Ótimo depoimento do editor Flávio Calazans. Estou te mandando a foto de mim e minha esposa com o meu ídolo maestro e pianista João Carlos Martins. Nós fomos assistir a um concerto regido por ele e no final do espetáculo ele nos recebeu no seu camarim. Eu que já era macaco de auditório dele, fiquei mais ainda, ele é muito gentil e educado (e genial!). Edgard, te mando um desenho do mestre Eugenio Colonnese, que me foi ofertado pelo mestre Osvaldo Talo. E vai outro desenho do artista Guilherme Amaro, que te envia um caloroso abraço. Para finalizar, te mando xerox da carta da editora Mariluce Moura (‘Revista FAPESP’). Eu lhe mandei a página do teu ‘QI’ que você publicou, eu citei na carta que o ‘QI’ é a melhor revista a respeito dos quadrinhos, lido por pessoas de ótimo nível cultural, pena que ela não citou o teu nome e o ‘QI’.

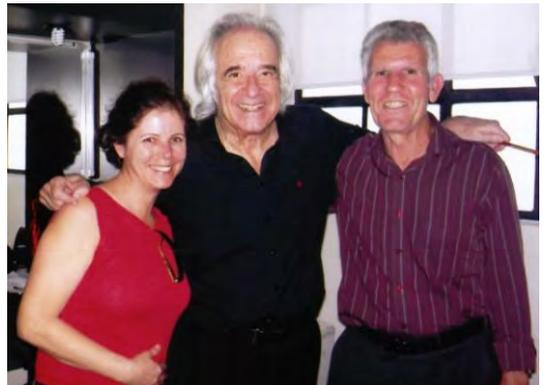


Ilustração de Eugenio Colonnese



Ilustração de Guilherme Amaro

ALEXANDRE YUDENITSCH

C.P. 613 – São Paulo – SP – 01031-700

Como você já fechou o “QI” 122, talvez nem valha a pena (enviar comentários), pois ficaria tudo muito superado. Assim, só vou procurar mandar comentários que me pareçam poder interessar a quem os leia no “QI” 123. O que nos traz para o assunto mais geral:

Um assunto que ficou sem meu comentário foi sua sugestão de colocar arquivos para download em algum site ou ferramenta que permita isso. Não gosto da ideia, mas de alguma forma já estou fazendo isso. O sítio Marca de Fantasia, que já publicou muita coisa minha em versão impressa, também colocou um livro teórico meu em versão virtual. Não é para download gratuito, mas sim para venda no preço simbólico de R\$ 5,00. Embora seja um trabalho de fôlego, poucas pessoas se interessaram. É uma coisa que também não tem muito retorno. Agora o Henrique Magalhães propôs fazer uma nova edição do “Memória do Fanzine Brasileiro”, provavelmente na forma de e-book.

Por que você “não gosta da ideia de colocar arquivos para download em algum site ou ferramenta que permita isso”? A não ser que seja pelo trabalho extra envolvido, não entendo. Acho que “colocar arquivos para download em algum site ou ferramenta que permita isso” é um possível substituto para enviar arquivo num e-mail (evidentemente, “de grátis”); já “colocar arquivos para download em algum site ou ferramenta, por meio de pagamento” (mesmo que baixo) seria um substituto da venda on-line de um documento (fanzine, livro) com esse conteúdo...

Você fez uma diferenciação entre arquivos colocados de graça para baixar e venda on-line. Esta diferenciação não havia me ocorrido porque o primeiro caso não é algo que me ocorra fazer. Veja bem, eu acho bem interessante que pessoas compartilhem arquivos que tenham conseguido de algum modo com outras pessoas que tenham o mesmo interesse, sem entrar no mérito do direito autoral. Afinal, é o que o fanzine sempre fez, reproduzindo artigos de jornais, revistas, livros, HQs mesmo, coisas que não interessam às editoras fazerem e o fanzine sempre cumpriu essa tarefa. No entanto, de modo geral, isso não é algo que eu me preocupe em fazer. Meus esforços têm sido no sentido de produzir eu mesmo algum material, sejam artigos ou HQs ou o “QI” ou algum livro ou edição especial. Ou seja, o resultado terá sido algo produzido por mim, que eu quero que outros conheçam e tenham acesso, evidentemente, mas com uma contrapartida. Essa contrapartida nem precisa ser monetária, tanto que tenho colocado uns encartes no “QI” não cobertos pela assinatura. Mas colocar um produto feito com bastante esforço assim, para ser baixado de graça por qualquer um é algo que, repito, não me atrai. Acho mais interessante colocar num site como o Marca de Fantasia, onde quem visita é gente bastante interessada no assunto, que queira comprar uma edição impressa ou um livro virtual ou mesmo baixar de graça um arquivo, se for o caso. Acho que assim há um mínimo de comprometimento entre as partes, mantendo, de algum modo, essa característica presente nos fanzines impressos.

Realmente, este é um ponto muito importante, inclusive num sentido geral quanto às interações e comunicações entre ‘fãs’ de quaisquer tipos, interesses e latitudes. A internet está criando uma cultura onde a norma é “obter de graça o que se quiser que esteja digitalizado”, mas também de “interação (só) via mídias sociais”. Antes disso, os ‘fãs’ se achavam (frequentemente mais por sorte do que de forma organizada) e se comunicavam pessoalmente (encontros, clubes, telefonemas) ou por meio da escrita (cartas, fanzines), com motivações pessoais/sociais e/ou abstratas/voluntárias. Nesse ‘sistema’, o usual era que a participação ‘custava algo’ para todos, e o ‘retorno’ em geral acontecia naturalmente; basta ver que, frequentemente, os fanzines eram enviados por preços bem abaixo dos custos de sua produção, ou até de graça, mas na contrapartida de um interesse e participação do recebedor.

Na nova cultura, as pessoas, mesmo que estejam interessadas num assunto, não se sentem obrigadas a retribuir os esforços de quem produziu um texto ou imagem, nem com algum retorno, pois ‘baixar deve ser de graça’ (“a informação quer ser livre” = grátis), e em geral quem posta nas ‘mídias sociais’ o faz porque quer ser um ‘agente’ nos grupos sociais que participam dessas mídias.

Nos fanzines (originalmente, de FC) dos EUA e UK, era tradicional que eles poderiam ser obtidos por um certo valor (que possivelmente cobriria os custos de impressão e remessa pelo correio, mas nem sempre) ou “the usual” (ou seja, “o de sempre”), que significava “por troca com outro fanzine, por contribuição de conteúdo (ie, artigos ou arte), ou por ‘cartas de comentário’ publicadas” – e, assim, estava assegurada a “contrapartida” do trabalho do editor do fanzine. Ele receberia artigos, desenhos, cartas sobre o zine, ou pagamento dos custos (vários nem aceitavam essa última opção); havia também a opção “by editorial whim” (“por vontade do editor”), ou seja, ele podia enviar exemplares para quem quisesse sem exigir nenhuma contrapartida.

Tudo isso mudou com a internet, e hoje há pouquíssimos fanzines (nos EUA e UK) que funcionem nesse modo. Quem não mudou para os ‘blogs’ ou ‘podcasts’, em geral edita um zine “eletrônico” ou “digital”, que não tem exemplares impressos nem custos de distribuição, e pode ser obtido por aqueles que o ‘receberem’ (ou seja, receberem um arquivo digital, ou um ‘link’ para tal arquivo, ou conheçam o endereço do ‘site’ onde tal zine fica ‘à disposição’) – e, na maioria das vezes, os editores recebem muito poucas ‘contrapartidas’, na forma de comentários (ou até mesmo agradecimentos), que é mais um dos motivos para a maioria migrar para os blogs...

Também com a internet, a fronteira sobre o que seria um fanzine, e o que seria uma publicação profissional, ficou pouco precisa, e até irrelevante. Que diferença faz? Se um artista escreve e desenha uma HQ e a ‘publica’ na internet por sua conta, é amador ou profissional? Que diferença faz? Ambos podem ser disponibilizados de graça, ou exigir um certo pagamento para liberar o ‘download’, também...

Voltando ao que você falou, creio que, hoje, na prática, a ‘venda’ de uma publicação via download é uma das formas de o criador saber que há alguém suficientemente interessado nela para pagar por ela, num ambiente onde pululam as opções gratuitas, o que pelo menos é animador; já como fazer para entrar em contato (e possível diálogo) com tais ‘compradores’ é uma questão mais difícil (comica, aliás, sempre foi para aqueles que tinham suas produções publicadas em livros e distribuídas através de livrarias).

CELSO ANTONIO

R. Octaviano Ramos, 159 – Itapetingina – SP – 18208-210

Em que número está o “QI”? Pergunto porque gostaria muito de continuar recebendo as edições. Tenho quase todas guardadas, plastificadas no meu armário, junto com os livros, gibis e demais fanzines. Um hobby e tanto, né mesmo? Como faço para continuar recebendo os exemplares? Você ainda possui os que me faltam?

A partir do nº 101, tenho todos os números. Cada 6 números correspondem a uma assinatura ao preço de R\$ 20,00.

LUIGI ROCCO

R. Gonçalves Moraes, 74 – São Paulo – SP – 03139-020

Gostei do destaque dado à tira do Vizungo. Sempre considerei essa tira como uma das melhores já criadas no Brasil, no entanto, mesmo quando o Colin ainda era vivo, nunca se falou muito ou foram dados mais detalhes sobre ela. Sendo assim, aqui vão mais umas poucas informações para ajudar a complementar a matéria.

A primeira tira, aquela com a legenda ‘Copacabana’, foi publicada em 3 de dezembro de 1964, uma quinta-feira, quando a ‘Folha’ ampliou o espaço das tiras dando uma página inteira para as mesmas. Eram cerca de 16 tiras, montadas em duas colunas, com vários personagens, a maioria norte-americanos, com exceção das criações de Maurício de Souza e do próprio ‘Vizungo’. A última tira, a de número 320, foi publicada em 25 de junho de 1966. A próxima página de quadrinhos do jornal seria publicada no dia 29 de junho, uma terça-feira, e traria no lugar do ‘Vizungo’, uma tira do Pafúncio que passaria a ter o espaço de duas tiras publicadas diariamente. Das 320 tiras criadas nem todas foram efetivamente publicadas pela ‘Folha’. Muitas vezes havia saltos na publicação, repetições de tiras anteriores ou mesmo tiras antigas publicadas fora de ordem. A última tira é de uma aventura que parou na metade, nunca tendo sido publicado o seu fim. Também, dessas 320 tiras nem todas foram desenhadas por Flavio Colin. Em duas ou três aventuras os desenhos foram feitos por Edgard Herrero que na época circulava pelos estúdios de Maurício de Souza e mais tarde se tornaria um grande desenhista Disney no Brasil, com você sabe.

Beleza o complemento das informações sobre ‘Vizungo’. Mas que lambança a “Folha” parece ter feito! Você tem informações sobre se a tal distribuidora do Maurício chegou a funcionar? Pelo que entendi do texto de “Eureka”, Maurício pretendia distribuir ‘Vizungo’, mas acabou sendo publicada somente na “Folha” e Colin recebia apenas o pagamento da “Folha”. E parece que ainda tinha que pagar a porcentagem do Maurício. Sabe se isso é verdade? E o ‘Gaúcho’ do Shimamoto, será que saiu também só na “Folha”? Ou seja, você sabe se o Maurício efetivamente chegou a distribuir outras tiras de outros autores?

Realmente não tenho conhecimento da publicação dessas duas séries em outro jornal que não a ‘Folha de S. Paulo’. Inclusive aquela série ‘Coisas de Futebol’ do Shima também saiu com o crédito da Maurício de Souza Produções. Com certeza havia a intenção de distribuir esta série também. Como o Maurício tinha acesso à redação da ‘Folha’, provavelmente a distribuição acabou restrita apenas a esse jornal, mas, quem poderia esclarecer o assunto, com certeza seria o próprio Shima. Aliás, na entrega do HQMix deste ano foi feita uma homenagem ao Rodolfo Zalla por conta do lançamento do documentário sobre ele realizado pelo Baraldi. Na ocasião ele foi aclamando como o último desenhista da geração dele ainda vivo e também em atividade. Pois bem, estão esquecendo o Shimamoto, que além de ser da mesma geração também está em atividade...

EMMANUEL SANTOS JR.

C.P. 102 – Caruaru – PE – 55002-970

Como, até agora, não recebi meu exemplar, nº 122, do nosso “QI”, peço ao amigo para informar se já foi remetido e quando. Venho reclamando, constantemente, na agência central dos Correios de Caruaru, onde há anos sou usuário da Caixa Postal 102, por não receber, como recebia, correspondências, inclusive de faturas, de compromissos meus, dando-me prejuízos financeiros. Ando deveras preocupado com esse serviço do Correio brasileiro, pelo menos aqui em Caruaru, desde o ano passado, péssimo, apesar das minhas reclamações na agência local. Lembro-me de quando, há uns anos, os Correios eram considerados a primeira instituição brasileira na prestação de serviço público aos brasileiros. E por que esses atuais prestadores de serviço não reassumem esse lugar? Sinto-me frustrado, prejudicado, lesado em meu direito. Como gosto de escrever e de receber correspondências, não sei mais o que fazer.

O “QI” 122 foi postado em 15/08. Já envie outro exemplar.

GASPAR ELI SEVERINO

R. João Voss Júnior, 66 – Brusque – SC – 88350-685

Existe uma longa lista de livros e filmes inspirados no célebre e realmente acontecido Duelo no OK Corral. O cinema foi o veículo de comunicação que mais popularizou esse episódio. Wyatt Earp e seus companheiros de tirotoeio. O primeiro filme dedicado a ele foi “A Lei da Fronteira” (“Frontier Marshall”), 1939, de Allan Dwan, com Randolph Scott. E Wyatt Earp também foi personagem das histórias em quadrinhos. Aparecia sempre no “Almanaque de Reis do Faraoste”, da inesquecível Ebal, como no Almanaque de 1972, na aventura ‘Na Região da Tocaia’, ao lado de outros heróis como Cisco Kid, Colt 45, Bat Masterson, e em outros Almanaque também aparecem O Homem do Rifle, Rex Allen, Roy Rogers e Paladino do Oeste. O desenho feito por Eduardo Vetillo para Antonio Armando Amaro para a publicação no “QI” 122 me inspirou a escrever sobre o western. Continuando sobre o “QI” 122, ‘Mistérios do Coleccionismo’ está ótimo, falando dos nossos Heróis Mascarados, de “Epopéia”, Roy Rogers, Homem de Ferro, Capitão América, Davy Crockett e muitos outros. Também temos os ‘Heróis Brasileiros’ com ‘Vizungo’, personagem de Flavio Colin, publicado em 1964, na ‘Folha de S. Paulo’. Temos um “QI” muito bom com os artigos de Lincoln Nery, José Salles, Worney A. Souza e, claro, do editor. Nunca li nenhuma revista do Fantasma Negro, ou melhor, a revista, visto que foi publicada uma revista de número único em 1984. E também nunca li o “Almanaque Super Ação”, que teve aventura inédita do herói. Na ‘Galeria de Capas’, constam muitas capas de heróis inesquecíveis, dos velhos tempos, como Billy the Kid, “Aventuras do Cangaço”, Tarzan, “M&B”, Fantasma e Flash Gordon, além de muitos outros. ‘Poeta Vital’ continua muito bom e também ‘cotidiano alterado’. O Quinzito Mingüera, na Praça do Mercado, está pra lá de bom. Voltando ao faraoste, existe o primeiro faraoste com Charles Starrett, que ele participou em 1936, com título “Stampede”, que traduzido é “O Estouro da Boiada”. Starrett continuou fazendo faraostes e em 1940 fez um chamado “Durango Kid”, ainda com máscara, chapéu branco e vestido de preto. A série “Durango Kid” mesmo só teve início em 1944, em que ele se vestiu todo de preto.

FLÁVIO CALAZANS

R. Clay Presgrave do Amaral, 13 – Santos – SP – 11055-370

Fiquei muito feliz com a entrevista comigo no “QI”, na mesma semana respondi uma outra entrevista onde falo de você... ando motivado e entusiasmado com estas coincidências. Estou desenhando de novo e tenho algumas HQs inéditas prontas e algumas em andamento, você tem onde publicar? Outro projeto é relançar “Hora da Horta”, pois toda edição foi devorada por cupins e ter feito em kraft impediu xerocagem. Estou editando um zine bilingue com HQs minhas e terá duas capas, uma ponta-cabeça com a outra, trazendo de um lado as HQs em português e do outro, na mesma ordem, todas as mesmas HQs em inglês, espanhol e francês (creditando os tradutores), mas esbarrei em um problema... Preciso da HQ de três páginas ‘Despertar’ que o Eduardo Pinto Barbier traduziu pro francês e publicou num número de “Bouche du Monde”.

LEGISLANDO EM CAUSA PRÓPRIA

Trecho de entrevista de Calazans falando de Edgard Guimarães

Sim, também o conheci faz tanto tempo que perdi a conta, por cartas e pessoalmente, desenhou roteiro meu pro “Eco Lógico”, uma de minhas melhores HQs (pouquíssimos eu deixei desenharem meus roteiros, sou possessivo com minhas obras, só trabalho com pessoas muito talentosas e que eu admiro o traço e a integridade e ética), como editor concordo com as dúzias de premiações que ele recebeu merecidamente, ele unificou os zines com um Rei Artur unificando a Bretanha com seu projeto de divulgar e publicar, e projetos geniais como “Deus”, “Eco Lógico” e outros projetos editoriais mostram a maturidade de um editor de verdade (publisher). Fosse na Europa, Edgard estaria rico e seria muito festejado, revelou e deu chance a centenas de autores, o pouco que fez no “Barata” revelando e incentivando autores não chega a dez por cento do que ele tem feito.

CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anunciação, 171, 3º Dto – Lisboa – 1350-326 – Portugal

Recebi seus novos “QIs” 121 e 122 que, como sempre, me surpreenderam agradavelmente, não só pela qualidade do seu conteúdo como pelo esforço empregue na criação dos mesmos. Estou certo que foram dispendidas algumas dezenas de hora para a elaboração dos textos, sua composição e execução de cada página destas publicações, já que a maior parte dos artigos e desenhos oferecidos são de sua autoria. Também tenho que admitir que o Edgard é também possuidor de uma vasta cultura pessoal, que lhe permite abordar profundamente qualquer assunto, quer seja histórico quer seja sobre a 9ª arte. Depois que li no seu “QI” 120 o seu artigo ‘Reflexões sobre Histórias em Quadrinhos’, verifiquei também que esta linguagem não tem segredos para si, pois aquele foi um dos melhores artigos que li até hoje, sobre esse assunto.

O tema dos Heróis Brasileiros é por certo muito interessante, porque nos permite conhecer algumas personagens a que nem sempre temos acesso. Mas recorda-nos também de quantas lendas haverá no vosso país (como há no nosso), sobre personagens desse género: Caipora, Boi Tatá, Iara, Saci Pererê, Lobisomem, etc., muitas dessas personagens igualmente adaptadas à Banda Desenhada por artistas brasileiros de craveira. Conheço bem os trabalhos de Flavio Colin, pois possuo muitas revistas com histórias suas, mas não conheço a obra “Sepé Tiaraju”. Sobre a Editora Graúna, o meu espólio é muito pequeno... um ou outro exemplar de “Terror”, “Alma Penada”, “Piadas Para Todos”, “Hércules”... mas era tudo tão mal impresso que nem merece a pena verificar o que tenho. No que respeita às edições especiais da Ebal e a informação é bastante vasta, distribuída pelos dois números, já é um campo que me agrada sobremaneira pois atinge-me directamente. Desde 1964 e até ao seu encerramento, tentei adquirir tudo o que a Ebal publicou. Tenho algumas falhas, mas muito poucas (algumas já colmatadas por si, que as adquiriu para a minha colecção. Por tal ser-lhe-ei sempre grato). Deste modo, posso conferir mais objectivamente o que existe. É uma informação muito útil, provavelmente para muitos leitores. Aprecio muito as suas pequenas fichas do ‘cotidiano alterado’, pois fornece igualmente informações úteis sobre personagens da 9ª arte, que em tempos tiveram o seu sucesso. ‘Reflexões sobre Imagem e Cultura’ é um pequeno suplemento que nos faz lembrar como nos toca muitas vezes pequenas coisas que acabarão por servir de suporte à nossa vivência e à nossa cultura. Quando adolescente, pelos meus 13/14 anos de idade, deu-me para ler a obra da família dos Rougon-Macquart de Emile Zola, a que fui tendo acesso. Estas obras no total de 20, que ultrapassavam e muito o meu estatuto de jovem leitor, foram lidas de fio a pavio, devoradas nas palavras, analisadas em cada personagem, vividas em cada cena e ainda hoje me recordo delas e dos seus títulos: “Roupa Suja”, “O Sr. Ministro”, “O Dinheiro”, “A Terra”, “Germinal”, “Naná”, “A Besta Humana”, “O Sonho”, etc... Estes livros permitiram-me ter acesso a uma filosofia de vida que guiaria sempre os meus projectos futuros (embora a obra tenha sido escrita de 1871/1893 e eu a tenha lido em 1954/1955), a natureza humana pouco evoluiu nos seus defeitos e nas suas virtudes, pelo que esta obra ainda hoje, se a lermos de novo, é tão actual como quando foi escrita. Os livros foram comprados em edições muito modestas de papel barato, embora naquela altura eu já trabalhasse desde os meus 12 anos. Hoje ainda os conservo na minha Biblioteca. A Banda Desenhada só viria a surgir como hobby dois ou três anos depois, embora com os meus 10 anos eu já lia “O Mosquito”.

A ‘Memória do Fanzine Brasileiro’ continua a ser um tema a não perder, pois estamos sempre a encontrar nos relatos dos seus editores as várias vicissitudes que sempre acarretam estes loucos projectos. Conheço o ‘Vizunga’ da revista “Eureka”, mas não conheço o Fantasma Negro. Depois da leitura da correspondência, de conhecermos os Fanzines brasileiros editados mensalmente (como não há crise no Brasil, ao contrário de em Portugal, estes são muitos e não falta material para todos os gostos), não nos podemos esquecer dos excelentes desenhos de Edgard Guimarães, não só nas capas e contracapas, como também nas suas Histórias em Quadrinhos, onde o seu autor encontra-se à vontade para manter um estilo muito próprio, arrojado e não isento de humor.

FRANCISCO FILARDI

R. Carlos de Vasconcelos, 21/904 – Rio de Janeiro – RJ – 20521-050

Entre outros informes, segue um exemplar de “Eu SENador um Passeio”, ilustrado pelo Ziraldo, que consegui na Bienal do Livro. Há também matéria sobre o estande da Comix, que contou com variado número de títulos, entre mangás, edições de luxo, etc. Minha filha visitou a Bienal no dia de encerramento e sequer conseguiu entrar no estande, tamanha era a fila! Outro estande que apresentou boas novidades foi o da Devir, com publicações primorosas, como a versão em quadrinhos do clássico de Machado de Assis, “Dom Casmurro”. Dia desses, xeretando na Livraria Saraiva, encontrei o quadrinho “Bíblia em Ação – a História da Salvação do Mundo”, de Sergio Cariello, publicado em 2011, em edição de luxo, pela editora Geográfica, com 200 narrativas organizadas em ordem cronológica. Pareceu-me um trabalho bem acabado. Só para complementar, segue também um livreto sobre o espetáculo infantil “Nadistas e Tudistas”, dirigido pelo competentíssimo Daniel Herz, que está à frente da Companhia Atores de Laura (da Casa de Cultura Laura Alvim). No mais, siga cá as minhas bisbilhotanças. Dê uma xeretada em meu perfil: <http://www.facebook.com/IntervaloCult1>.

O livreto do espetáculo “Nadistas e Tudistas” vem a calhar para um tema pouco explorado. Os fãs de HQs lembram da Ebal como editora especializada em quadrinhos e quase sempre se esquecem de que ela também publicava livros infantis. Além de dezenas de coleções de livros infantis “normais”, com bichinhos bonitinhos, para crianças bem pequenas, a Ebal publicou também algumas obras pouco convencionais, o que na época era uma literatura infantil moderna, tratando de temas atuais em linguagem acessível para crianças, com um toque poético ou coisa assim. “Nadistas e Tudistas”, de Doc Comparato, com ilustrações de Patrícia Gwinner, foi um desses livros, publicado pela Ebal em 1981, com várias reedições. Abaixo à esquerda, capa do folheto, à direita, a capa da 4ª edição do livro.



LAFAIETE NASCIMENTO

R. Bento Rodrigues, 530 – J. Tupi – São Paulo – SP – 04939-120

Pois é, 16 anos (entre o nº 1 e o nº 2 de “Inconsequente Coletivo”) foi muito tempo mesmo. O duro é que meu trabalho exige muito do meu tempo, mas daqui em diante tentarei me impor pelo menos uma publicação por ano (nem que seja um sulfite dobrado em 4 partes). Obrigado pelo elogio, principalmente pelas tiras, por serem a parte mais recente do meu trabalho. Outra coisa, no nº 3 vou abrir espaço para convidados, já confirmei com o Kiko Garcia e o Calazans (que vai retomar sua produção de HQs!).

JOSÉ JOÃO DE ARRUDA FILHO

R. Caranguejo, 249 – Diadema – Eldorado – SP – 09971-100

Acuso o recebimento do “QI” 122. Sempre bem elaborado, isto sem falar do conteúdo, nota 10. Continue firme, você e seus colaboradores. Gostei do ‘outros cotidianos alterados’, legal!

O encarte ‘cotidiano alterado’ continua muito bom e será uma opção de consulta para quem conservá-los. Percebe-se que no Brasil os fanzines não são tratados como instrumento de informação como deveriam de fato ser considerados. No Japão, é comum gráficas e outras empresas envolvidas na produção de revistas e as próprias editoras financiarem a edição dos doujinshis, como são conhecidos os fanzines japoneses. Como resultado, eles têm um ótimo acabamento, alguns chegando a requintes como capas em acetato ou papel bem grosso, letras em dourado ou prateado na capa, miolo com papel de primeira, impressão profissional, etc. O resultado desse incentivo são fanzines com qualidade de fazer inveja à maioria das revistas profissionais do Brasil. A linha de raciocínio dos patrocinadores é simples. Apoiando-se os novatos, eles estão de olho no futuro, quando alguns deles poderão se tornar profissionais. Assim sendo, poderão surgir séries de sucesso, com vendas de muitas revistas, mantendo-se assim a cadeia produtiva. Artistas como Katushiro Otomo (‘Akira’), Nobuhiro Watsuki (‘Kenshin’) e Naoko Takeuchi (‘Sailor Moon’) foram revelados através dos doujinshis. O público que consome tais fanzines, os compram em livrarias especializadas, na internet, pelos correios e principalmente em convenções que ocorrem mensalmente em vários lugares do Japão. A convenção semestral ocorre em Tóquio, tem inscritos mais de 40 mil grupos de fanzineiros. Mas apenas os melhores acabam participando, reduzindo este número para 15 mil. O público que visita tais convenções chega às centenas de milhares e todos compram doujinshis. Há fanzineiros que não querem deixar de lado sua liberdade criativa e vendem seus trabalhos apenas em convenções. Alguns deles chegam a vender mais de 10 mil exemplares numa única convenção e ainda sobre gente querendo mais. É mole? Como se vê, fanzine é algo enraizado na cultura japonesa há mais de três gerações. É natural que muitos leitores de mangás desejem um dia se tornar desenhistas ou roteiristas. E para isso o primeiro passo é divulgar seu trabalho através de fanzines. Nesse ponto, o esquema funciona como no Brasil, juntando-se um grupo de amigos e dividindo-se as despesas e tarefas. Com isso, podemos perceber o porquê da qualidade dos mangás. Com tantos candidatos a artistas profissionais, só os realmente bons terão chance de um dia publicarem nas grandes revistas de quadrinhos no Japão.

MÁRCIO SNOmarciosno@hotmail.com

É meio “chover no molhado” falar que o “QI” é uma das principais referências de quadrinhos e publicações independentes que temos, né? Mas é isso mesmo! Os artigos que você e o Worney escrevem são bastante interessantes e sinto muita segurança em lê-los, pois sei que vêm de fontes seguras e de pessoas que realmente entendem do assunto! Não consegui disfarçar a risada quando estava lendo sobre o Smilingüido, principalmente no antepenúltimo parágrafo (“se é para conhecer o Criador, pode”). É muito engraçada essa postura dos que se dizem fiéis que não enxergam suas próprias incoerências... Noutro dia estava conversando com o Laudo e a Naraiana (Gibiteca de Santos) sobre as questões do velho e novo testamento que, segundo o Laudo, “tem vários erros de roteiro”! Gostei bastante de ver o seu relato sobre o III Ugra Zine Fest, no qual tivemos o prazer de contar com a sua presença. Realmente foi um evento extraordinário e uma pena não ter ficado no dia seguinte, que também foi muito bom! Espero que possa ir no do ano que vem também. Agradeço ter reproduzido a resenha que fiz do “Memória do Fanzine Brasileiro”, que é uma referência para mim. Não sei se você soube, mas rolou um debate nervoso no Facebook com essa resenha. Apareceram duas pessoas metendo o pau no livro (temos certeza de que sejam perfis fakes), falando que o livro não é digno de ter esse nome, pois não conta com “todos os fanzineiros importantes lá” (sic), e coisas do tipo... Mas, é claro, quem realmente sabe a importância desse material partiu em sua defesa e os seres desapareceram sem dar mais nenhum retorno.

Já ia me esquecendo, o artigo do Gazy me trouxe lembranças muito queridas de minha infância! Copio abaixo o retorno que dei a ele:

“Este artigo me fez ir para meu passado e resgatar coisas parecidas. Minha memória foi lá no começo dos anos 80 (nasci em 1975), quando eu e minhas irmãs éramos fissurados pelos chocolates “Surpresa”. Não exatamente pelo chocolate, mas o que ele trazia consigo: cartões com imagens de bichos e no verso dados sobre habitat (aprendi o que era isso por meio desses cartões), alimentação, etc. Me lembro até hoje de algumas dessas imagens... A girafa era linda! Era a minha favorita! Tinha outra coisa legal: na barra de chocolate também tinha a imagem de algum bicho (que não era necessariamente o mesmo do cartão). Antes de removermos o papel alumínio, tentávamos descobrir qual bicho que estava em alto relevo na barra... Era muito divertido isso! Depois tínhamos dificuldade de comer o chocolate inteiro porque tínhamos dó de comer o bicho da barra! Contornávamos para “não machucá-lo”! O problema é que nem sempre tínhamos os chocolates, pois minha mãe nem sempre tinha dinheiro...”

“Mais tarde, ou na mesma época, eu gostava as moedinhas que achava ou ganhava em chicletes “Ping Pong” para colecionar figurinhas da Copa do Mundo de 82! Tinha oportunidades que eu estava com 10 gomas de mascar na boca, por causa das figurinhas! Que geralmente era moeda de competições de bafo. Lembro que as figurinhas que quase ninguém tinha eram as mais cobiçadas. Nesse meio tempo, também colecionei as figurinhas da coleção “Ploc Gigante” e outras menos conhecidas. Eu tinha uma lata (tipo essa de panetones) cheia de figurinhas! Cheguei a completar o álbum “Ping Pong Amazônia”, no qual a figurinha número um era a do galo da serra! Pois é, foram experiências muito interessantes que hoje acho que não têm mais volta!”

ABELARDO SOUZAR. Osvaldo Prado, 102 – Mesquita – RJ – 26580-370

Parabéns ao publicar o “QI”. É o único – atualmente – que leio a respeito de quadrinhos. Cassal. Barwinkel. Edson. Carlos e outros que não me vêm à memória, mestres em compactar assuntos em quadrinhos. Li ‘And Her Name Was Maud!’. O cientista sacaneando a mula. A mula parada, sentada, tonta, olhando para o cientista. De repente, ela dá o troco. Vira o cientista de cabeça para baixo, dá-lhe um par de coices, lançando-o longe. É a vingança do Irrracional contra o Racional. Ri muito. Valeu. Já imaginou você, com 85 anos, em uma feira de gibis e repetir a cena do “QI” 122? Não sabendo de onde veio, onde está, e para onde ir? É, não é mole, não.

Estou lhe enviando xerox de capas dos livros editados pela Ibis Western, encontrará fotos de Hopalong Cassidy. Será que algum leitor do “QI” tem esta coleção completa? Ou irá para ‘Mistérios do Colecionismo’? Por mim considerado o melhor item do seu “QI”.



Falta muito ainda para terminar a aparentemente interminável série de quadrinhos das 4 páginas centrais do “QI”? Nem lembro mais como era (ou seria?) o nome, mas vejo que já chegamos na página 192, e ainda não é o fim, então pelo menos serão 200 páginas, o que no mínimo impõe respeito (mas não afeto...). Os ‘Mistérios do Coleccionismo’ são sempre bem explicados, e até me situo bem em alguns dos ‘causos’ descritos (já passei por eles). Pessoalmente, SEMPRE me interessei por detalhes como esses, talvez por ter um modo de raciocinar analítico e detalhista, mas cada vez mais acho sem importância tais ‘questiúnculas’, pois não existem ‘coleccionadores’ em volume suficiente para que possa sentir que tais detalhes realmente façam alguma diferença (isso está inserido naquela discussão sobre o tamanho e fraqueza do mercado dos quadrinhos no Brasil, que já falamos antes). Quando esses detalhes envolvem muitas pessoas, com opiniões e sentimentos, e possivelmente influam até em valores monetários, até dá para sentir que ele importam para algo...

Creio que a ‘janela de oportunidades’ para quadrinhos por aqui já se fechou, pois mesmo nos EUA, onde eles foram lidos por milhões no passado, hoje estão restritos a relativamente poucas pessoas (e poucos jovens e crianças, que era de onde saíam muitos leitores permanentes do passado). Muitos personagens (e enredos) saídos de HQs hoje são proeminentes na cultura popular, e geram negócios milionários (inclusive em filmes, jogos e TV), e só por isso ainda se mantêm – mas com alcance bem limitado. No Brasil, quadrinhos como ‘leitura de massa’ sempre foi uma coisa relativa, pois grande parte da população não lia nada, nem HQ, e hoje a situação é semelhante à dos EUA, com um agravante. A motivação principal é o sucesso no exterior; fora Maurício de Souza, não me lembro de outros quadrinhos nacionais que sejam populares POR SI MESMOS.

Vale a pena comentar, em compensação, que para aqueles que cresceram com os personagens das tiras de jornais, hoje em dia é uma ‘Era de Ouro’ em termos de edições boas, bonitas e baratas nessas histórias, desde que a pessoa esteja confortável lendo-as em inglês: Popeye, Alley Oop/Bruccut, Príncipe Valente, Steve Canyon, Terry, Captain Easy, Flash Gordon, Li'l Abner/Ferdinando, Fantasma, Buck Rogers, Dick Tracy, Tarzan, Little Nemo, Spirit, Annie/Aninha, Superman, Batman, etc. Só o Mandrake é que ficou para trás; até Pafúncio e Marocas já tiveram vários livros...

Em 13 de setembro, Elydio dos Santos Neto escreveu:

No próximo dia 26 de setembro (5ª feira), comemoro 54 anos de vida. Então, no dia 28 de setembro (sábado), a partir das 20h, estaremos reunindo os amigos para celebrarmos comigo. Haverá comes e bebes e, é claro, uma noitada de viola, espero, animada pelo Valdiso e por outros possíveis violeiros.

O momento que vivo é de luta, mas também de gratidão e celebração. Eu e Marta ficaríamos muito felizes se pudéssemos contar com a presença de todos vocês.

Marta escreveu:

Gostaria muito de agradecer vocês pela noitada maravilhosa de sábado. Há muito tempo não via/ouvía o Elydio cantar. Ele ficou muito feliz com a presença de vocês e senti a ausência dos que não puderam estar conosco. Bem, na madrugada de domingo ele passou mal e o levamos ao hospital. Após uma bateria de exames, observou-se indicativos de uma insuficiência renal, com uma taxa preocupante de potássio, que por sua vez pode levar a uma parada cardíaca. Assim, ele precisou ser internado na UTI. Ele está tranquilo, sereno e consciente de sua situação.

Gazy Andraus escreveu:

Estive na confraternização à noite na casa de Elydio. Infelizmente, ele estava já enfraquecido e piorou, após a comemoração, e na mesma noite levaram-no ao hospital. Pela manhã do domingo, foi para o Hospital Villa Lobos, onde se encontra na UTI, embora lúcido.

Gazy Andraus escreveu:

As visitas ao Elydio podem ser feitas a qualquer hora do dia e por quantos o visitarem, respeitando-se o rodízio de 4 pessoas durante o dia e 2 à noite... mas isso não quer dizer que ele melhorou, ao contrário, embora situação estável, suas funções continuam iguais a antes, e como ele vive medicado, o mais das vezes ele permanece dormindo, com poucos momentos de despertado. Mesmo assim, a família e amigos estão notificados que o caso dele é quase irreversível, ao que parece.

Em 4 de outubro, Gazy Andraus escreveu:

Caros amigos, Lucas, filho de nosso estimado amigo-irmão Elydio Santos Neto, me avisou que ele acaba de transmigrar desse plano para o outro, ao qual todos iremos um dia! Assim, acaba a jornada terrena de Elydio, e aqui continua a nossa, que é a de seguir valorizando os ideais educativos e espirituais shamânicos que ele nos legou! Grande amigo Elydio, parta feliz! Nós aqui te saudamos (nossas tristezas são nossas – lembremos que a ele, agora não há mais tristezas, e, sim, a alegria de uma nova jornada!).

QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

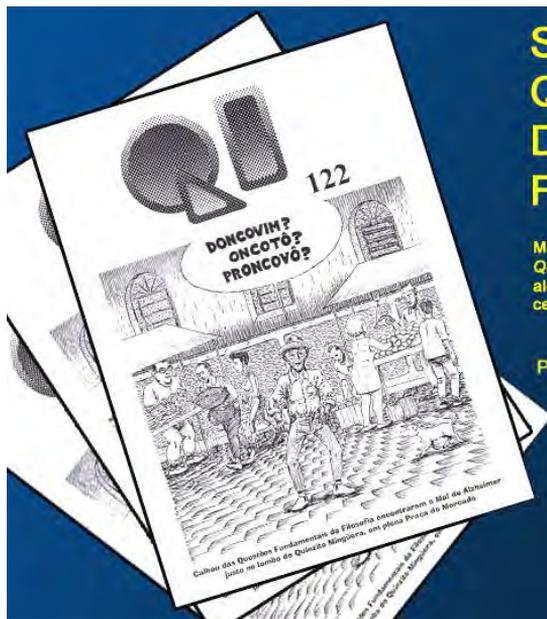
Lincoln Nery enviou “Tudo +” nº 1, guia dos bairros Piedade e Quinto, que trouxe uma tira sua. Alex Sampaio enviou a cartilha “Advocacia Pública”, produzida pela Ordem dos Advogados do Brasil Seção Bahia. Francisco Filardi enviou “Eu SENador um Passeio”, cartilha produzida por Ziraldo para o Senado Federal, e edição do “Almanaque da Vida”, produção da Hermes Pardini, com matéria sobre super-heróis. Luiz Cláudio Lopes Faria enviou cartilha com a Turma da Mônica sobre vigilância agropecuária, feita para o Ministério da Agricultura; e cartilha feita pela Polícia Militar do Estado de São Paulo sobre Saque Seguro. Paulo Joubert Alves enviou a cartilha ilustrada “Garantia Estendida” da empresa de seguros Garantech. Consegui a revista “Vida Nota 10”, produção da equipe de Ziraldo para o Ministério da Saúde, Instituto Nacional do Câncer e Organização Mundial da Saúde.



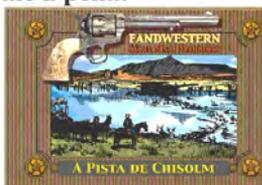
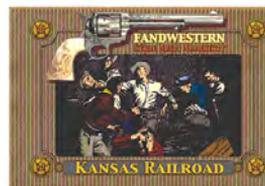
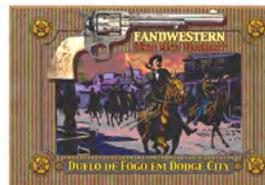
SE VOCÊ AMA A ARTE DOS QUADRINHOS NÃO PODE DEIXAR DE CONHECER O FANZINE QI

Magnificamente editado pelo veterano Edgard Guimarães, QI sempre traz relatos de grandes nomes dos quadrinhos nacionais, além de tiras e divulgações do que rola no cenário independente.

Peça o seu pelo e-mail: edgard@ita.br



Divulgação do "QI" feita por Lincoln Nery.



Série Especial **MATT MARRIOTT**

Por Tony Weare

Oportunidade única! Entre e pergunte!
Vai ver que vale a pena!

contato: bonecosrebeldes@yahoo.com.pt

MANTENDO CONTATO



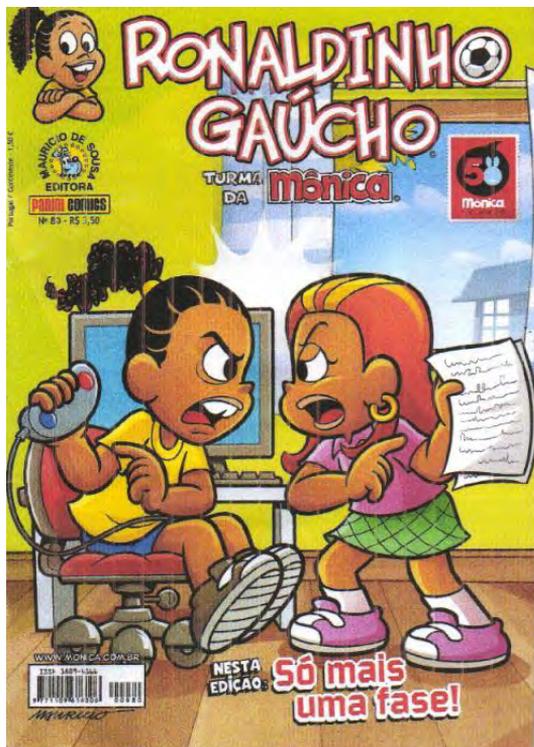
ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

RONALDINHO E NEYMAR JR., APENAS UMA COINCIDÊNCIA?

O estúdio de Maurício de Sousa produz dezenas de histórias em quadrinhos por mês. São muitos profissionais envolvidos entre roteiristas, desenhistas, arte-finalistas, editores e outros profissionais que criam uma dezena de revistas dos mais diversos personagens. As temáticas são as mais diversas e, apesar do acompanhamento geral, inclusive do próprio Maurício, algumas escorregadas podem acontecer. A mais recente foi com uma HQ de Ronaldinho Gaúcho e outra de Neymar Júnior.

Pelezinho, Ronaldinho Gaúcho, Neymar Júnior são personificações de jogadores de futebol para os quadrinhos. Ambientados durante suas infâncias, eles só pensam em jogar bola no campinho perto de suas casas. Todos são pré-adolescentes (um pouco mais velhos que a turma da Mônica), vão para a escola, têm uma turminha de amigos, família com irmãos, pais, namoradas (baseados nos parentes originais dos jogadores), animais de estimação e uma turminha de “inimigos” prontos para impedir que os personagens centrais ganhem uma partida de futebol ou conquistem um objetivo. O curioso é que Maurício de Sousa já tinha proposto a criação de personagens inspirados em Maradona e em Ronaldo Fenômeno nos mesmos moldes, mas não houve acordo com os jogadores.

Atualmente a editora Panini publica revistas mensais de Ronaldinho (no nº 81), Neymar Júnior (no nº 5) e três edições republicando as HQs e tiras do Pelezinho.



Ronaldinho Gaúcho tem um elemento diferencial que coloca o personagem em viagens fantásticas entre aliens, personagens folclóricos e monstros dos mais variados. Também apresenta divertidas HQs com os dois cachorros bagunceiros da família: Bala e Bola. Mas, no mais, os três personagens têm argumentos e roteiros algo muito parecidos.



SAIU “BILLY THE KID”

Saiu o nº 19 da revista de faroeste “Billy the Kid” (48 páginas, tamanho 14,5x20,5 cm, capa colorida, papel reciclado, R\$ 7,00). Editada pelo incansável Arthur Filho por sua editora Opção 2. Nessa edição, temos grandes nomes dos quadrinhos nacionais: Ailton Elias (com Big Ranger, Jim Morgan em ‘O Início’), Joás Dias de Lima (em ‘Plano Frustrado’ e ‘O Último Tiro’), Francisco Vilachã e Arthur Filho (em ‘Atire Sempre Primeiro!’), capa de Elthz, e Arthur Filho (com Billy the Kid em ‘Ronda da Morte’ e ‘Quem Não Procura, Também Acha’).

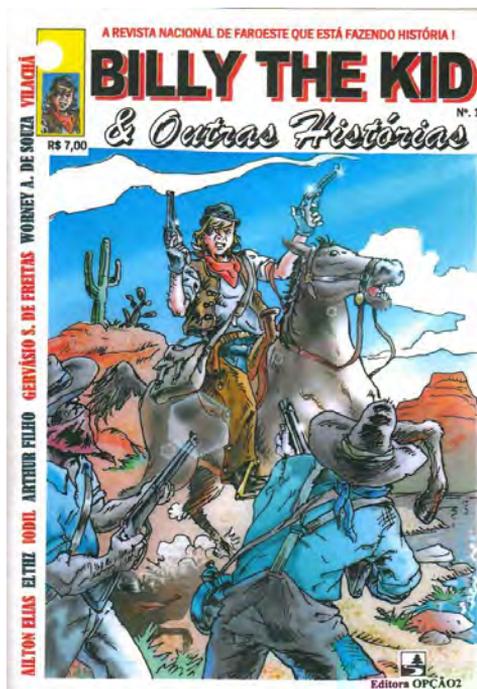
A revista também conta com dois textos sobre os personagens da família Bonelli: ‘Duelo em Tex: Preto e Branco X Cores’, de Gervásio Santana de Freitas, e ‘Zagor, o Espírito da Machadinha’, de WAZ.

“Billy the Kid” nº 19 é uma edição enxuta, bem editada e com boas histórias sobre o western. Para adquirir, escreva para arthur.gouju@bol.com.br.

WORNEY ALMEIDA DE SOUZA

Pode-se interpretar que isso seria fatal, pois os personagens futebolísticos do estúdio MSP têm universos muito parecidos e a consequência pode ser argumentos coincidentes. Assim se sucedeu com a HQ ‘Só Mais Uma Fase!’, publicada na edição 80 da revista “Ronaldinho Gaúcho” (agosto de 2013) e a HQ ‘Deixa Eu Fazer o Trabalho!’, publicada na edição 5 da revista “Neymar Júnior” (agosto de 2013). Nas duas histórias, as irmãs dos personagens principais (Deisi, de Ronaldinho, e Rafa, de Neymar Júnior) têm que usar o computador da casa para fazer um trabalho escolar, mas são atrapalhadas pelos irmãos que querem usar o equipamento para jogar games. O desenvolvimento e as conclusões dos roteiros são um pouco diferentes, mas o argumento central é o mesmo! O incrível é que as duas HQs foram publicadas no mesmo mês, são as HQs principais das revistas e são a capa das mesmas edições!

Uma escorregada e tanto no planejamento editorial e um caso curioso da indústria dos quadrinhos.



EDIÇÕES INDEPENDENTES

ANGELI E A REPÚBLICA DOS BANANAS



Angeli e a República dos Bananas
Representações cômicas da política brasileira

Keliene Christina da Silva
226p. Grátis.
A política sob a ótica dos personagens do cartunista Angeli
www.marcaedefantasia.com

FANZINE NA EDUCAÇÃO



FANZINE NA EDUCAÇÃO

Renato Donisete Pinto
56p. 13X19cm. R\$12,00.
Aplicação pelo autor de fanzines em sala de aula.
www.marcaedefantasia.com

A GUERRA DOS GOLFINHOS



A GUERRA DOS GOLFINHOS

Flávio Calazans
64p. 14X20cm. R\$12,00.
A iminente destruição do mundo submarino pela ação do humanos.
www.marcaedefantasia.com

QUADRINHOS

ANORMAL ZINE * impresso em camiseta * n° 11 *
Wagner Teixeira – R. Pedro Américo, 166, Bl. B, ap. 1009 – Catete – Rio de Janeiro – RJ – 22211-200.

ÁTOMO * n° 9 * jul/2013 * 16 pág. * A5 * Ricelle Sullivan
Suad – 2ª Travessa da Rua Nova, 52 – Cambaia – São Luís – MA – 65020-401.

BENJAMIN PEPPE * n° 4 * set/2013 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * José Salles – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

BILLY THE KID * n° 19 * ago/2013 * 48 pág. * A5 * capa color. * R\$ 7,00 * Arthur Filho – R. Espírito Santo, 232/02 – Porto Alegre – RS – 90010-370.

BRUSQUE ONTEM * vol. X * set/2013 * 24 pág. * A5 * color. * Aldo Maes dos Anjos – R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

CARTILHA CARTUM Reforma Ortográfica * mar/2012 * 24 pág. * A5 * color. * Aldo Maes dos Anjos – R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

CLUBE PLANET HQ * n° 59 * 2013 * 8 pág. * A5 * José João de Arruda Filho – R. Caranguejo, 249 – Eldorado – Diadema – SP – 09970-100.

COLETIVO ZINE * n° 1 * 2011 * 64 pág. * A5 * Wagner Teixeira – R. Pedro Américo, 166, Bl. B, ap. 1009 – Catete – Rio de Janeiro – RJ – 22211-200.

FANDAVENTURAS ESPECIAL * Capitão “Meia-Noite” * n° 7 * 2013 * 70 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * José Pires – .gussy.pires@sapo.pt.

FANDAVENTURAS ESPECIAL * Capitão “Meia-Noite” * n° 8 * 2013 * 68 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * José Pires – .gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * Série Matt Marriott * n° 5 * 2012 * 64 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * José Pires – .gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * Série Matt Marriott * n° 6 * 2012 * 54 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * José Pires – .gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * Série Matt Marriott * n° 7 * 2012 * 50 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * José Pires – .gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * Série Matt Marriott * n° 9 * 2013 * 58 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * José Pires – .gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * Série Matt Marriott * n° 10 * 2013 * 54 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * José Pires – .gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * Série Matt Marriott * n° 11 * 2013 * 58 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * José Pires – .gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * Série Matt Marriott * n° 12 * 2013 * 52 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * José Pires – .gussy.pires@sapo.pt.

FANZINE DO GRUPO QUADRANTE SUL * n° 8 * abr/2013 * 8 pág. * A5 * R\$ 2,00 * Denílson Reis – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

FANZINE DO GRUPO QUADRANTE SUL * n° 9 * abr/2013 * 8 pág. * A5 * R\$ 2,00 * Denílson Reis – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

FANZINE NA EDUCAÇÃO * 2013 * 60 pág. * 130x190mm * capa color. * R\$ 12,00 * Henrique Magalhães – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

INCONSEQUENTE COLETIVO * n° 2 * 2013 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 ou troca * Lafaiete Nascimento – R. Bento Rodrigues, 530 – J. Tupi – São Paulo – SP – 04939-120.

JORNAL GRAPHIQ * n° 79 * ago/2013 * 12 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * Mário Latino – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

JORNAL GRAPHIQ * nº 80 * out/2013 * 12 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

MONSTROS DOS FANZINES – Joacy Jamys * nº 1 * set/2013 * 136 pág. * A5 * R\$ 18,00 * **Marcos Freitas** – Av. Brasileiro Índio de Moraes, 558 – Passo D’Areia – Porto Alegre – RS – 91030-000.

NHÔ QUIM * livro sobre personagem de **Edson Rontani** * 2013 * 124 pág. * A5 * capa color. * **Edson Rontani Júnior** – C.P. 600 – Piracicaba – SP – 13400-970.

NOMES * nº 1 * ago/2013 * 52 pág. * A4 * R\$ 10,00 * **Marcos Freitas** – Av. Brasileiro Índio de Moraes, 558 – Passo D’Areia – Porto Alegre – RS – 91030-000.

ÓI! * nº 2 * set/2013 * 60 pág. * A5 * capa color. * R\$ 6,00 * **Rodrigo Costa** – Av. Poeta Vinicius de Moraes, 387/302 – Aracaju – SE – 49037-490 – darcelcomics@gmail.com.

QUADRITOS EXTRA – The Bodé Broads * nº 1 * set/2013 * 24 pág. * A4 * R\$ 7,00 * **Marcos Freitas** – Av. Brasileiro Índio de Moraes, 558 – Passo D’Areia – Porto Alegre – RS – 91030-000.

SUPER GIBI * nº 3 * ago/2013 * 60 pág. * 180x260mm * R\$ 30,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jau – SP – 17201-970.

TARZAN * tiras de Hogarth de 1947 * nº 1 * 2013 * 52 pág. * 325x220mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TARZAN * tiras de Dan Barry de 1947 * nº 2 * 2013 * 52 pág. * 325x220mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TARZAN * tiras de Dan Barry de 1948 * nº 3 * 2013 * 52 pág. * 325x220mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

WAR ZONE * nº 4 * set/2013 * 12 pág. * A5 * R\$ 1,00 * **Ricelle Sullivan Suad** – 2ª Travessa da Rua Nova, 52 – Cambaó – São Luís – MA – 65020-401.

O GARIMPO * nº 98 * Cosme Custódio da Silva – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

HOJE NÃO É DIA PARA GRANDES HOMENS * Jairo Macedo – SQN 408, bloco O, ap.102 – Asa Norte – Brasília – DF – 70856-150.

INTEGRAÇÃO * nº 3 * a/c **Carlos Roberto de Souza** – R. das Andorinhas, 398 – Vila Centenária – Machado – MG – 37750-000.

VIDA E PAZ * nº 161 * **Mauro Sousa** – R. Manoel Nascimento Júnior, 366, fundos – São Vicente – SP – 11330-220.

A VOZ * nºs 131 e 132 * Av. Dr. José Rufino, 3625 - Tejipió - Recife - PE - 50930-000.

GALERIA DE CAPAS



OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * nº 230 * ago/2013 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

O CAPITAL * nº 231 * set/2013 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

CORAÇÃO MELANCÓLICO * nº 2 * set/2013 * 8 pág. * A5 * **José João de Arruda Filho** – R. Caranguejo, 249 – Eldorado – Diadema – SP – 09970-100.

HORA EXTRA * nº 67 * ago/2013 * 16 pág. * 270x320mm * a/c **Matheus Souza** – C.P. 011 – Americana – SP – 13465-970.

JUVENATRIX * nº 150 * ago/2013 * 15 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

AMEOPOEMA * nº 23 * **Rômulo Ferreira** – C.P. 15210 – Rio de Janeiro – RJ – 20031-972.

O BERRO * nº 25 * **W. Bastos** – C. P. 100050 – Niterói – RJ – 24020-971.

BOLETIM DA AFNB * nºs 34 e 36/2013 - C.P. 500 - Ag. W3 - 508 Sul - Brasília - DF - 70359-970.

COTIPORÁ CULTURAL * nº 47 * **Adão Wons** – R. Marcílio Dias, 253 – Térreo – Cotiporã – RS – 95335-000.



Texto enviado por **Edson Rontani Jr.**

POETAS E TIPÓGRAFOS

Ruy Castro

Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico por causa de sua crônica dor de cabeça. Ele lhe recebeu exercícios físicos, para “canalizar a tensão”. João Cabral seguiu o conselho. Comprou uma prensa manual e passou a produzir à mão, domesticamente, os próprios livros e os dos amigos. E, com tal “ginástica poética”, como a chamava, tornou-se essa ave rara e fascinante: um editor artesanal.

Um livro recém-lançado, “Editores Artesanais Brasileiros” (Autêntica-FBN), de Gisela Creni, conta a história de João Cabral e de outros sonhadores que, desde os anos 50, enriqueceram a cultura brasileira a partir de seu quarto dos fundos ou de um galpão no quintal: Manuel Segalá, no Rio; Geir Campos e Thiago de Mello, em Niterói; Pedro Moacir Maia, em Salvador; Gastão de Holanda, no Recife; e Cleber Teixeira, em Florianópolis.

O editor artesanal dispõe de uma minitipografia e faz tudo: escolhe a tipologia, compõe o texto, diagrama-o, produz as ilustrações, tira provas, revisa, compra o papel e imprime – em folhas soltas, não costuradas – 100 ou 200 lindos exemplares de um livrinho que, se não fosse por ele, nunca seria publicado. Daí, distribui-os aos subscritores (amigos que se comprometem a comprar um exemplar). O resto, dá ao autor. Os livreiros não querem nem saber.

Foi assim que nasceram, em pequenos livros, poemas de – acredite ou não – João Cabral, Manuel Bandeira, Drummond, Cecília Meireles, Joaquim Cardozo, Vinicius de Moraes, Léo Ivo, Paulo Mendes Campos, Jorge de Lima e até o conto ‘Com o Vaqueiro Mariano’ (1952), de Guimarães Rosa. E de Donne, Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud, Mallarmé, Keats, Rilke, Eliot, Lorca, Cummings e outros, traduzidos por amor.

João Cabral não se curou da dor de cabeça, mas valeu.

uafisdis?

Edgard Guimarães

Adquiri recentemente o livro “Korak – Son of Tarzan”, volume 1, publicado pela editora norte-americana Dark Horse. Este livro compila os seis primeiros números da revista “Korak, Son of Tarzan”, publicada pela editora Gold Key entre janeiro e dezembro de 1964. Um total de 12 histórias escritas por Gaylord Dubois e desenhadas por Russ Manning, embora visivelmente auxiliado por outros artistas não creditados. Um trabalho interessante, mas longe do que Manning produziu de melhor, tanto na revista de Tarzan da própria Gold Key como nas tiras e pranchas de Tarzan para jornais.

O interesse, no entanto, para os fins deste comentário, está no texto de apresentação feito pelo renomado quadrinhista Steve Rude, cujo trabalho mais conhecido é a série ‘Nexus’, praticamente inédita no Brasil. Os dois primeiros parágrafos desta apresentação estão mostrados a seguir, em tradução gentilmente feita por Luiz Antônio Sampaio:

“Uma breve introdução a esta edição de Korak antes de você começar a ler. Pelo fato de ter sido escrito e desenhado antes dos anos de 1990, este livro conterá apenas coisas para seu entretenimento e conteúdo que o fará se sentir bem lendo-o. Já que o material que agora constitui boa leitura nos comics mudou drasticamente nesses anos, eu acho que uma advertência deveria ser dada. Por exemplo, algumas coisas que você não encontrará neste livro são pessoas sendo graficamente torturadas, heróis agindo tão sordidamente como vilões, linguagem baixa sendo usada, ou nudez ocasional. Você também não encontrará uniformes com bolsos e zíperes, ou todo ponto de costura de seus tecidos coloridos mostrados com precisão fotográfica. Também estará ausente a sensação de uma escuridão sufocante tão dominante que você sentirá como tomando uma ducha fria após a leitura. Você poderá ler estas histórias sem qualquer reação às políticas apontadas pelo autor ou questionar seu gênero. Há muito pouca confusão moral e nenhuma necessidade de avisar na capa ‘leitura para adultos’. Mais importante, você realmente terá oportunidade de interromper sua descrença e usar sua imaginação.”

“Como você vê, as histórias neste livro foram produzidas em uma época quando você realmente era destinado a se sentir bem após terminar a leitura da revista.”

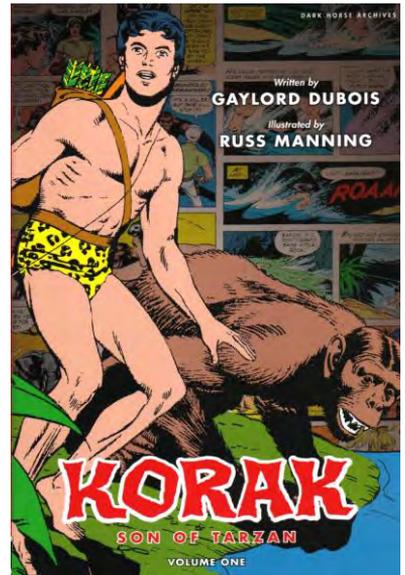
O texto em si é bastante interessante, mas neste caso ganhou maior importância pelo contraste com uma pequena nota colocada pelos editores em letras minúsculas ao pé da página imediatamente anterior. Trata-se de uma desculpa comum colocada nas edições atuais, supostamente para livrar os editores de possíveis problemas judiciais. A seguir a tradução da nota, desta vez tendo eu mesmo que assumir a responsabilidade pelo resultado:

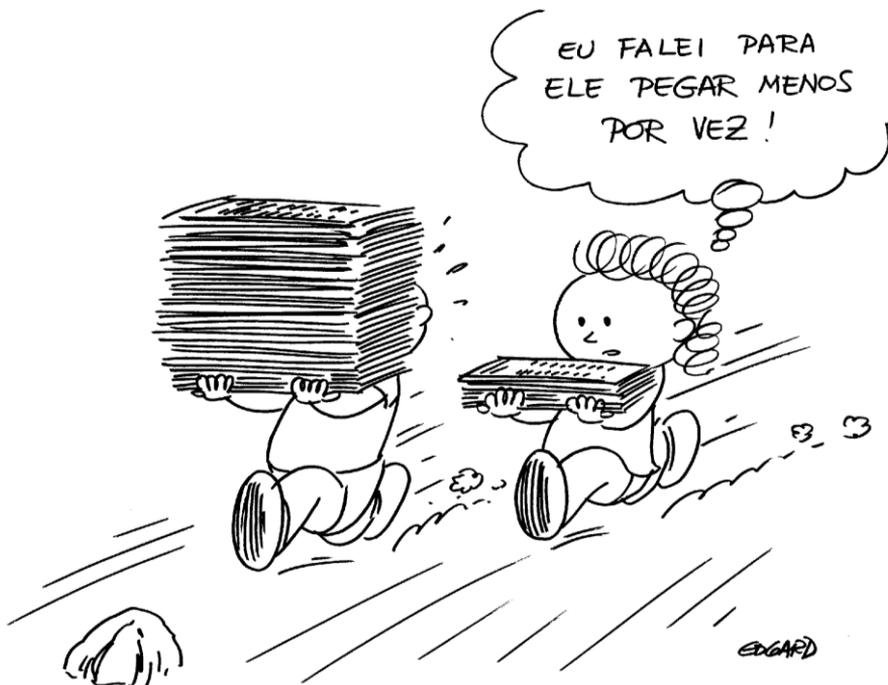
“Estas estórias são produtos de seu tempo, e, portanto, certos elementos podem não estar de acordo com as sensibilidades dos dias atuais. Embora tais exemplos possam ser lastimáveis, o material apresentado aqui não foi alterado de modo a se manter a fidelidade histórica.”

Afinal de contas, qual é a desse material? Primeiro, você é avisado que pode se ofender com sua leitura. E logo em seguida você é advertido de que pode ler sem se preocupar em ser afrontado pelas opiniões dos autores e violência das situações. Está difícil saber como o leitor vai reagir hoje em dia. O jeito é ir pedindo desculpas por qualquer motivo.

Este comportamento paradoxal do editor é apenas um sintoma de um problema que assola o comportamento geral das pessoas hoje em dia. Talvez o aporte gigantesco de informação jorrado dos meios de comunicação esteja acuando os pequenos cérebros incapazes de processar tanta coisa. Desse modo, a solução é, em vez de buscar uma unidade conceitual para o conhecimento adquirido, tão somente adquirir um bom punhado de conceitos prontos, invariavelmente conflitantes entre si. O problema aparece mais claramente no tom das reportagens veiculadas pela grande maioria dos telejornais. Ainda mais com âncoras, sem qualquer qualificação que seja, instados a proferir verdades incontestáveis. E o tom é o de que as pessoas têm o direito e a liberdade de fazer o que quiser e de se comportar (em público) da maneira que achar melhor. Mas as pessoas (outras pessoas, pelo visto), por outro lado, não têm o direito de dizer o que quiser. E o padrão de comportamento atual, martelado cotidianamente pela mídia, passou a ser o desta tolerância de conveniência. Exige-se que todos os outros sejam tolerantes com os comportamentos de qualquer um que queira adotar um comportamento diverso do comportamento usual, mas não se exige do deviante que seja tolerante com as opiniões e manifestações dos outros que não compartilham do desvio. E com o estabelecimento dessa tolerância de mão única, os editores se vêm nessa posição ridícula de pedir desculpas sem nem saber por quê.

Deve haver mais a se fazer no mundo do que ficar se sentindo ofendido com o que outros dizem ou escrevem.





Em 2002, a Academia Brazopolense de Letras e História, tendo à frente Isa de Faria Guimarães, João Armando Braz de Faria e Lourdes Isabel, organizou a Gincana “Caça à História”, com o objetivo de fazer os alunos das escolas da cidade procurarem em suas casas, entre os parentes e vizinhos, documentos e jornais antigos que pudessem ser doados ou copiados para o acervo da Academia. Houve uma grande participação dos alunos, graças ao auxílio dos professores de História das várias escolas, e muito documento importante foi conseguido com esta iniciativa. Para ajudar na divulgação, fiz 4 desenhos para afixar nas escolas junto com as informações sobre a gincana. Dois deles estão logo acima.

Poeta Vital

SABE QUE TEM UNS CARAS QUE ESCRIVEM CRÍTICA PARA JORNAL QUE EU NÃO ENTENDO NADA DO QUE ELAS DIZEM?

CRÍTICO
OU
CRÍPTICO:
EIS A QUESTÃO!



EI, VOCÊ VIU? SAIU NO JORNAL UMA CRÍTICA FAVORÁVEL AO SEU TRABALHO!...

DUAS LINHAS ELOGIANDO,
ISSO É MAU.
O VALOR DESSA "CRÍTICA"
NÃO ESTÁ NO QUÊ, MAS NO QUANTO,
ANTES UMA PÁGINA CARCANDO O PAU.



EU NÃO ENTENDO MUITO BEM ESSES CRÍTICOS. CADA UM TEM UMA OPINIÃO DIFERENTE...

CRÍTICO TER OPINIÃO
É O ESCULACHO.
NÃO SE ADMITE CRÍTICA
COMEÇAR COM "EU ACHO".
SE É CRÍTICA, SÓ CABE A AFIRMAÇÃO.
FUNDAMENTADA, OBJETIVA, ANALÍTICA.



ORA, MAS COMO É QUE ALGUÉM PODE AFIRMAR ALGO SEM DEIXAR MARGEM PARA DÚVIDA?

NINGUÉM É DONO DA VERDADE,
É FATO.
MAS, DE BUSCÁ-LA,
DEVE SER DONO DA VONTADE.
A CRÍTICA DEVE SER
A ESSÊNCIA DO ATUAL SABER,
NÃO UM MERO DESACATO.



MAS QUASE NENHUM TEXTO PUBLICADO É ASSIM, DESSE JEITO FICA MUITO DIFÍCIL ESCRIVER CRÍTICA...

ESPERO QUE SIM,
COMO É DIFÍCIL SABER BEM
ASTRONOMIA OU MEDICINA.
O CRÍTICO NÃO É UM SER À PARTE,
É UM CIENTISTA TAMBÉM.
DESVENDAR OS MISTÉRIOS DA ARTE
É SEU FIM.
SENÃO, É SER PILOTO DE LATRINA.



ENTÃO, QUE SENTIDO TEM ESSES TEXTOS CHEIOS DE OPINIÃO PESSOAL QUE SAEM NOS JORNAIS?

QUAL O MELHOR PARTIDO
OU TIME DE FUTEBOL?
AI' É TERRENO DO GOSTO.
ESCREVER O QUE PENSA NÃO É PROIBIDO,
SENTIR, GOSTAR, INTUIR,
DE SUBJETIVIDADES, HÁ UM ROL.
TEM LEITOR QUE ISSO CONSUME,
MAS DÊ A ISSO OUTRO NOME.
CRÍTICA É O GOSTO.

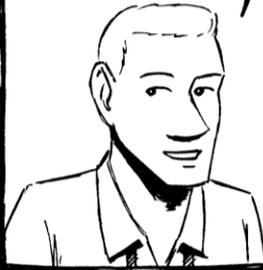




A EMPRESA VAI PRODUZIR ESTA VACINA EM LARGA ESCALA, POIS TODO MUNDO TERÁ QUE TOMÁ-LA.



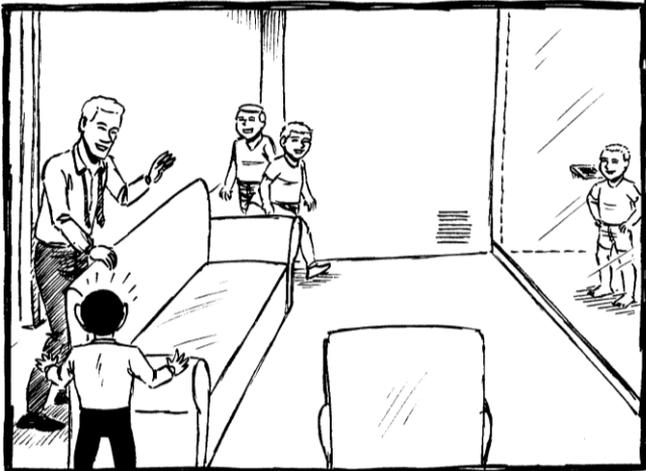
O GOVERNO TERÁ QUE CRIAR UM PROGRAMA PARA GARANTIR A VACINAÇÃO TOTAL, COMPRANDO O QUE PRECISAR PARA OS CARENTES.



NOSSO FATURAMENTO SERÁ MAIOR DO QUE JAMAIS FOI. VOCÊ NÃO IMAGINA O QUANTO VAI FICAR RICO...



VOCÊ SÓ ESTÁ PENSANDO EM LUCRO?



DESCULPE, EU NÃO RESISTI A TENTAÇÃO...

O ASSUNTO É SÉRIO.



DE FATO, A SITUAÇÃO É MUITO SÉRIA.



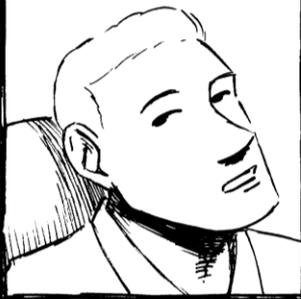
NA MELHOR DAS HIPÓTESES, A BACTÉRIA LETAL ESTÁ CONFINADA AQUELE ONÍSIS ONDE HUGO FOI INFECTADO.



MESMO NESSE CASO,
QUANTO TEMPO ATÉ QUE
ELA ESCAPE DE LÁ E
COMECE A SE ESPALHAR?...



MAS NÃO CREIO QUE A
SITUAÇÃO SEJA TÃO BOA.



OS LABORATÓRIOS DE
MEU TIO JÁ DEVIAM FAZER
EXPERIÊNCIAS COM ESTA
BACTÉRIA HÁ MUITO TEMPO.



A "VACINA" USADA EM
MINHA IRMÃ DEVE TER SIDO
UMA VARIÇÃO ATENUADA E
GENETICAMENTE DIRIGIDA
DA BACTÉRIA LETAL.



COMO HUGO SOBREVIVEU
À VERSÃO ATENUADA, FICOU
IMUNIZADO CONTRA A
BACTÉRIA ORIGINAL.



MAS OS LABORATÓRIOS
DA EMPRESA DEVEM TER
DESENVOLVIDO VÁRIAS
VERSÕES DA BACTÉRIA,
INCLUSIVE PARA FINS DE
LIMPEZA GENÉTICA.



A MELHOR SOLUÇÃO É
DESENVOLVER UMA VACINA
QUE IMUNIZE TODA A
POPULAÇÃO CONTRA TODAS
AS VERSÕES DA BACTÉRIA.



MAS, MESMO COM A
VACINA, SOLTAR A BACTÉRIA,
ASSIM, NÃO PODE SER
PERIGOSO PARA A GENT...
PARA A POPULAÇÃO?



TUDO PODE SER
PERIGOSO, VOCÊ JÁ
DEVIA SABER DISSO!



VOCÊ NÃO ESTÁ ESQUECENDO DOS CIENTISTAS DA EMPRESA QUE DESENVOLVERAM AS VARIÇÕES DA BACTÉRIA?



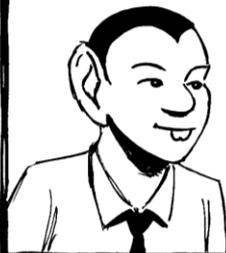
OH, É MESMO, COMO EU PUDE ESQUECER?



NO DIA EM QUE O TIO MORREU, HOUVE UMA DENÚNCIA DE CONTAMINAÇÃO NOS LABORATÓRIOS E ELAS FORAM INTERDITADAS.



TODOS OS FUNCIONÁRIOS ESTÃO DE QUARENTENA, INCOMUNICÁVEIS, ATÉ QUE SE APUREM OS FATOS.



ASSIM QUE EU APURAR QUEM PARTICIPOU DA CRIAÇÃO DA "VACINA" APLICADA EM MINHA IRMÃ...



VOU QUERER SOLUÇÕES DEFINITIVAS. VOCÊ ESTÁ DISPONÍVEL PARA O SERVIÇO OU VAI SE ACOMODAR AGORA QUE FICOU RICO?...



A PROPÓSITO, A VACINA CONTRA A BACTÉRIA LETAL SERÁ TESTADA PRIMEIRO NA POPULAÇÃO DO SATÉLITE AGRÍCOLA.



COM UM TESTE ASSIM EM LARGA ESCALA, A POPULAÇÃO DAQUI NÃO TERÁ NENHUM RECEIO.



ACHO QUE É HORA DE VOLTARMOS AO SATÉLITE AGRÍCOLA PARA CONTAR AS NOVIDADES.





BUSTER

FROM TEXAS RANGERS



"DESPERADOES"

(A QUADRILHA SELVAGEM)

GUS PETERSON - JOSÉ PIRES

BUSTER
From Texas Rangers

“Desperadoes”
(A Quadrilha Selvagem)

Roteiro: Gus Peterson
Arte: José Pires

Álbum Independente publicado em fascículos encartados
nos nºs 123 (set/out/2013) a 129 (set/out/2014) do fanzine **QI**



R. Capitão Gomes, 168
Brazópolis – MG – 37530-000

Edição Independente
Impressão Digital

2013

JOSÉ PIRES

José Augusto Pires nasceu no dia 10 de outubro de 1935, em Elvas, Portugal. Começou a trabalhar aos 14 anos, exercendo várias profissões até se direcionar para o campo das artes gráficas.

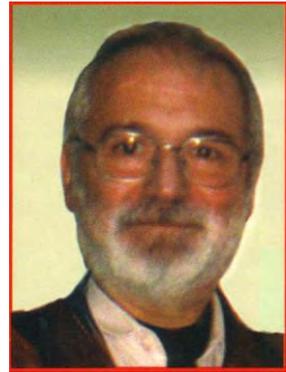
Estreou na revista **Cavaleiro Andante**, em 1961, com duas histórias em Banda Desenhada (História em Quadrinhos) e com ilustrações para capa, tendo sido o autor da capa do nº 1 da revista **Zorro**, em 1962. Na mesma época, produziu para a Agência Portuguesa de Revistas a coleção de cromos **História do Trajo Universal**, em parceria com Luís Motta Guedes.

Em 1963, passou a trabalhar regularmente em publicidade, atuando durante 30 anos na agência Ciesa-NCK, e depois na agência Publicis, participando do Festival do Filme Publicitário de Cannes.

Sem abandonar a publicidade, continuou produzindo trabalhos diversos na área de ilustração, como uma segunda coleção de cromos, **Os Cavaleiros do Céu**, para o Editorial Globo, rótulos de caixas de fósforo com vários temas para a Fosforeira Portuguesa, e, para a Editora Europa-América, as ilustrações para o livro infantil **As Mais Belas Histórias da Bíblia** e uma dúzia de capas para a **Coleção Western**. Em 1980, voltou a produzir BD para a revista **Mundo de Aventuras**, da Agência Portuguesa de Revistas, além de ilustrações para capas de livros de bolso da editora.

Em 1985, sem sair de Portugal, começou a colaborar com a Editions du Lombard, trabalhando em parceria com o argumentista Jean Dufaux na série 'Irigo', para a revista belga **Tintin**. Em 1988, com o argumentista Benoit Despas, realizou uma série sobre os Templários publicada na revista **Hello Bédé**, que resultou, em 1992, em seu primeiro álbum publicado no exterior, **Le Sang e la Gloire**. No total, publicou cerca de 200 páginas de BD nas revistas **Tintin**, **Hello Bédé** e **Kuifje**.

Em Portugal, o Editorial Futura publicou, em 1989, um álbum com seus trabalhos iniciais (duas aventuras saídas em **Cavaleiro Andante**, em 1961 e 1962, e uma aventura saída em **Mundo de Aventuras**, em 1980), sob o título **Homens do Oeste**, dentro da coleção Antologia da BD Portuguesa (volume 20). No mesmo ano, a mesma editora publicou **Will Shannon – O Poço da Morte**, dentro da Coleção Aventuras (volume 12). Ainda em 1989, tendo já publicado nos fanzines **Eros** e **Almada BD Fanzine**, passou a colaborar com Catherine Labey e Jorge Magalhães na produção de edições independentes, como as coleções **Fandaventuras** e **Fandwestern**. O nº 1 de **Fandaventuras**, de julho de 1989, trouxe uma BD de 5 páginas da série 'Irigo' – 'The Last Bullet'. Posteriormente, em março de 2003, o nº 10 de **Fandwestern** foi dedicado à série 'Irigo' com as três últimas aventuras, 'Um Tipo Chamado Shannon', 'O Sopro do Ódio' e 'Quando os Sinos Dobrarem', num total de 46 páginas.



Resumidamente, a história de ‘Irgo’ e ‘Will Shannon’ é a seguinte. Em 1983, José Pires produziu uma aventura de 48 páginas com sua criação Will Shannon (publicada em álbum pela Futura em 1989) e enviou amostra de 10 páginas para a redação da revista belga **Tintin**. O editor gostou da arte e propôs que José Pires ilustrasse uma série cujos argumentos ficariam a cargo do iniciante Jean Dufaux. Dessa parceria resultou a série ‘Irgo’, centrada num mestiço, meio apache, meio mexicano, da qual foram produzidos 7 episódios publicados, entre 1985 e 1987, na revista **Tintin**, num total de 98 páginas, o que equivaleria a dois álbuns. Como a editora, apesar dos pedidos dos leitores, relutasse em editar os álbuns, Jean Dufaux abandonou a revista e a série foi interrompida. Nos últimos 3 episódios de ‘Irgo’ (publicados em 2003 em **Fandwestern**), o personagem Will Shannon é introduzido, talvez com a intenção de depois aparecer em série própria.

Em 1997, o Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses publicou o álbum **Gil Eanes e o Bojador – As Portas do Mito**, um trabalho iniciado vários anos antes visando ao mercado franco-belga, mas recusado pela Editions du Lombard. Em 1998, o mesmo Grupo de Trabalho do Ministério da Educação, em parceria com a editora Terramar, publicou **Pedro Álvares Cabral – Ventos da Glória, Mares do Infortúnio**, com texto de Nuno Calado. Ainda em 1997, José Pires fez para a Fórum Multimédia os desenhos para um jogo em CD-ROM sobre a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto.

A partir de 1999, iniciou a publicação de álbuns pela Âncora Editora, principalmente dentro de uma coleção de quase duas dezenas de edições focalizando a história de várias regiões de Portugal, produzidas pelos nomes mais expressivos da BD portuguesa. O primeiro álbum foi **Pedro Álvares Cabral e o Brasil**, em 1999, seguido por **História de Gouveia – A Princesa da Serra**, em 2001, **História de Celorico da Beira**, em 2004, e mais recentemente **A Batalha do Bussaco e A Portuguesa – História de um Hino**.

José Pires participou da 2ª fase da revista **Seleções BD**, publicando as histórias ‘A Liberdade e o 25 de Abril’ (3 páginas), no nº 6, em 1999, ‘As Asas da Coragem’ (30 páginas) nos nºs 18 a 20, e ‘A Conquista de Santarém’ (8 páginas), com argumento de Despas, no nº 23, as duas últimas em 2000.

Fez parte de algumas antologias de autores portugueses, com destaque para o livro **Uma Revolução Desenhada – O 25 de Abril em BD**, editado pela Afrontamento em 1999, com a história ‘O 25 de Abril de 74’ (3 páginas), e o álbum **Salúquia**, editado pela Câmara Municipal de Moura em 2009, com a história ‘Saluk Hiah’ (4 páginas).

Atualmente, José Pires tem publicado álbuns independentes com BDs de origem inglesa, com destaque para a coleção **Matt Marriott** e a obra de Walter Booth, **O Gavião dos Mares**.

José Pires recebeu homenagem nos eventos Tertúlia BD de Lisboa, em 1992, nas Jornadas de Banda Desenhada da Sobreda, em 1996, e no 8º Salão Moura BD, em 1998.

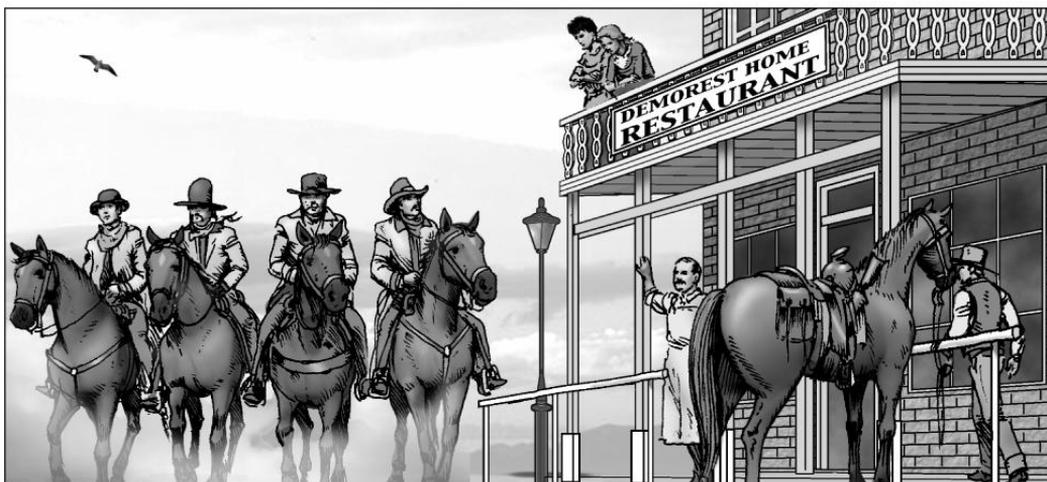
“DESPERADOES”

(A QUADRILHA SELVAGEM)

— Gus Peterson - José Pires —



1886 - O calor sufocante do meio-dia tombava pesadamente sobre Poth, uma pequena povoação do condado de Wilson, no sul do Texas...



A Jim East, o xerife local, não passa despercebido o aspecto algo estranho dos quatro forasteiros...

Diabo! Não gosto nada das caras destes tipos... Fazem-me sentir maus pressentimentos...





Diabo! E foram parar mesmo defronte do Bancol Cheira-me a esturro. Acho melhor tomarmos as medidas certas já...



Let's go, boys.



Chris Flagg, adolescente de rosto angelical que agrada às mulheres mas que é um assassino frio, sádico e cruel...



"Blue Duck", mestiço meio comanche meio irlandês, procurado por metade das autoridades do Texas...

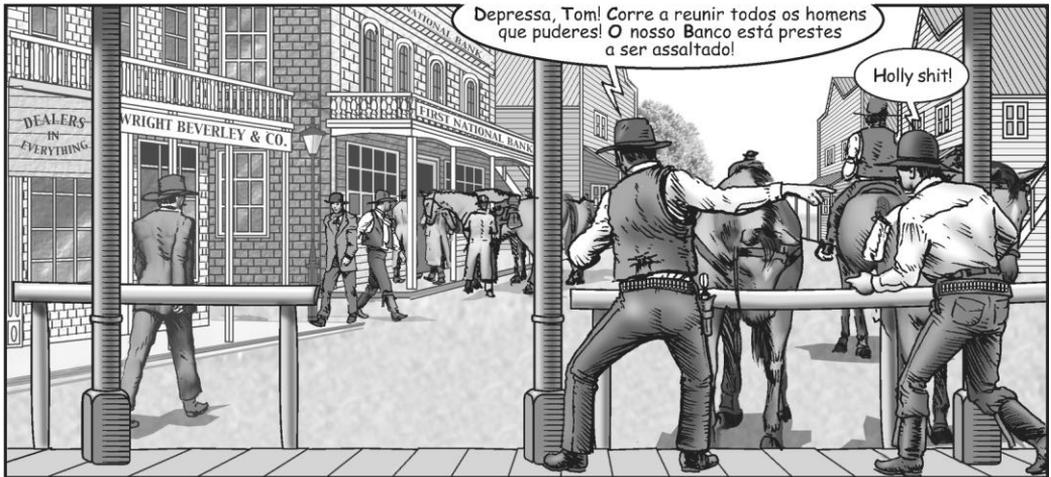


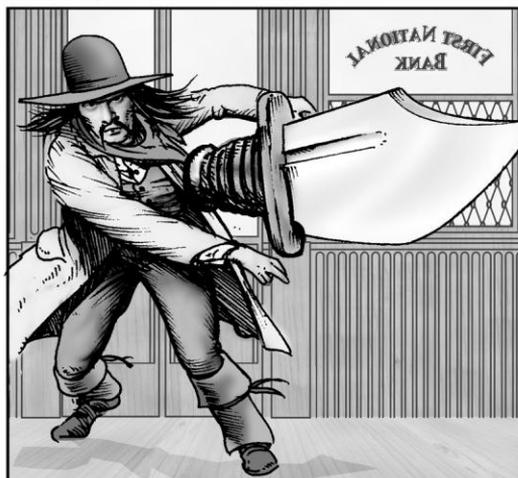
...Will be a piece of cake, boys...

Lance Fergusson, o líder do bando. Doze anos antes fazia parte dos "Bushwhakers" de Bloody Bill Anderson...



Brad Selig, celerado feio e forte como um cavalo mas menos inteligente do que aquele animal...



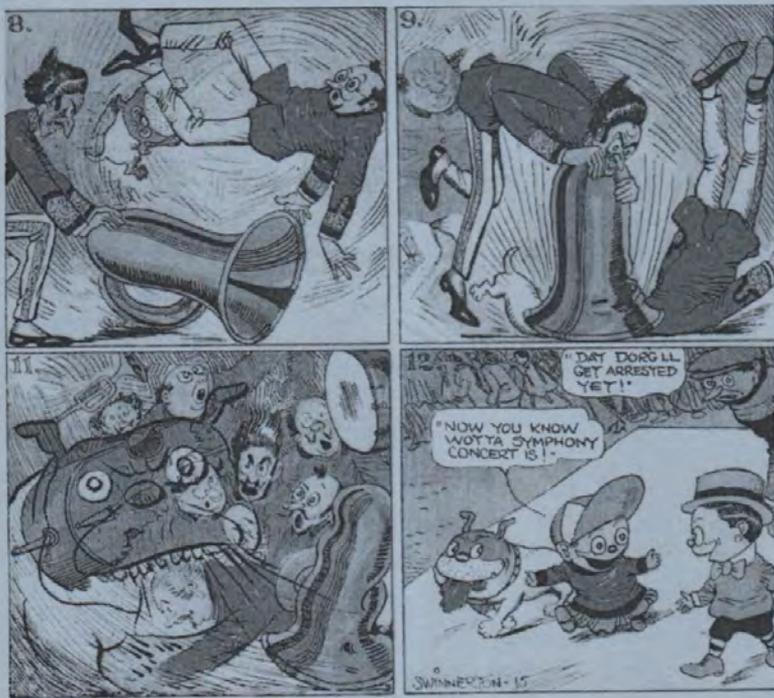


cotidiano alterado



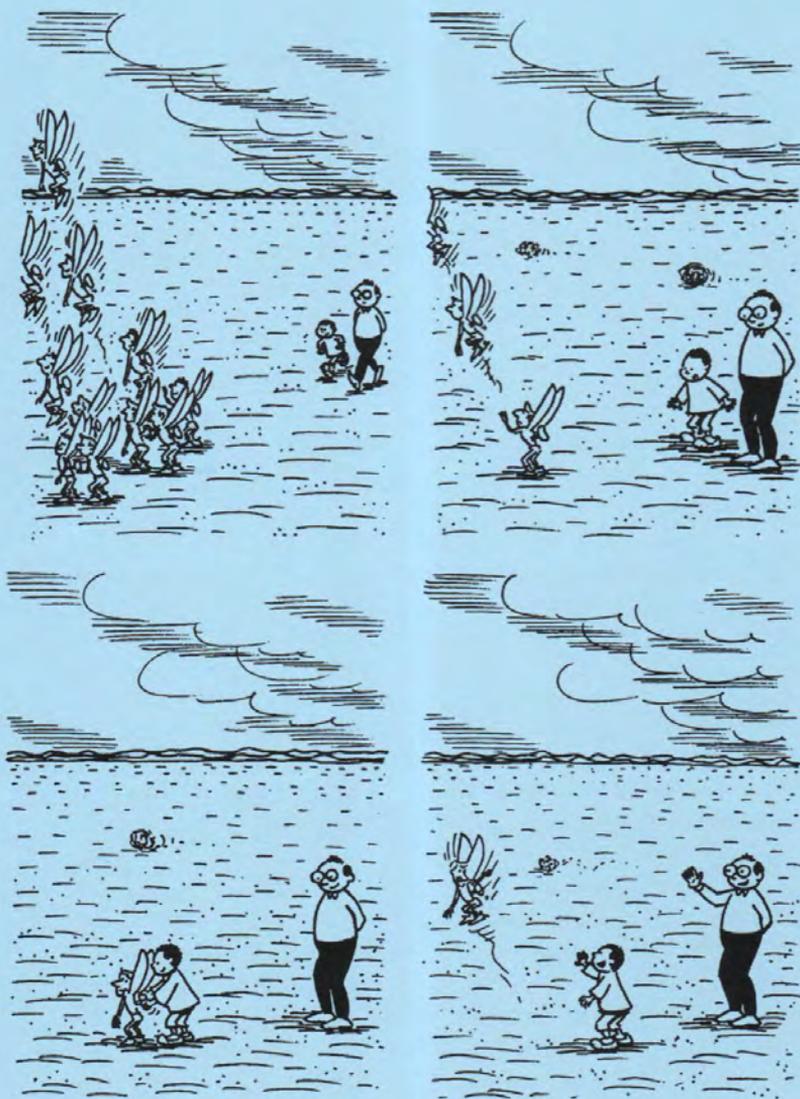
edgard guimarães – setembro de 2012

outros cotidianos alterados



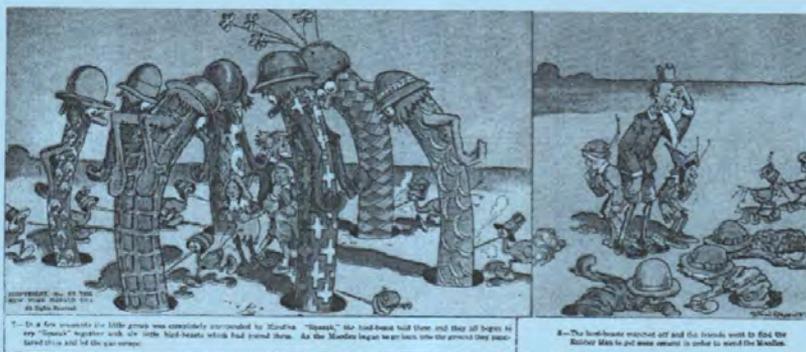
LITTLE JIMMY – James Swinnerton já fazia ilustrações envolvendo uns pequenos ursos em 1893. Dois anos depois começou uma página ilustrada repleta deles com o nome 'The Little Bears', que durou até 1901. Ao mesmo tempo produziu várias séries, com destaque para 'Mount Ararat', sempre com a mesma fórmula, uma ilustração repleta de figuras, desta vez todo tipo de animais. Desses, os pequenos tigres ganharam página própria, 'The Journal Tigers', de 1898 a 1903. Em 1902, já na fórmula usual de história em quadrinhos, um dos tigres se destacou, estrelando a série 'Mr. Jack', de longa e atribulada duração. Em 1904, Swinnerton começou sua série de maior sucesso, 'Little Jimmy', publicada até 1958, com um intervalo de 1941 a 1945. O pequeno Jimmy, ao contrário de seus contemporâneos, não era malvado; era, sim, um menino curioso, maravilhado com as novidades do mundo, o que nunca o impediu de criar grandes confusões e receber algum tipo de castigo por isso.

cotidiano alterado



edgard guimarães – setembro de 2012

outros cotidianos alterados



MR. TWEE DEEDLE – Quando Winsor McCay deu a dica que ia carregar seu 'Little Nemo' para outro jornal, os editores do jornal perdedor fizeram um concurso para escolher uma série substituta. Johnny Gruelle, que já era um artista de talento reconhecido, ganhou o concurso e estreou, em 1910, seu 'Mr. Twee Deedle', enquanto Nemo ainda estava por lá, pois o contrato de McCay ia até meados de 1911. As páginas de Gruelle conseguiram popularidade suficiente para que os editores banissem 'Little Nemo' para o interior descolorido dos suplementos pelo tempo de contrato que lhe restava. Graças a essa gatinha, temos hoje um período de quase quatro meses de 'Little Nemo' produzido em preto e branco. Alheio a isso, Gruelle produziu sua série, onde o pequeno elfo Mr. Twee Deedle guiava o menino Dickie em aventuras por mundos espantosos, mostrando que sua imaginação e talento artístico estavam à altura de McCay. Com o correr do tempo, outras figuras, como um rei deposto e um homem de borracha, se juntaram às andanças da dupla inicial. Gruelle começou sua série usando a velha fórmula de colocar as legendas abaixo dos quadros, mas produziu também páginas usando os textos em balões. Seu traço também sofreu variações com algumas páginas desenhadas com muito realismo e outras mais estilizadas. Coincidência ou não, Gruelle, como McCay, fez seus personagens percorrerem paisagens que denunciavam os problemas sociais do mundo real. 'Mr. Twee Deedle' foi publicado até 1921, quando Gruelle se dedicou a escrever livros da série 'Raggedy Ann and Andy', que fizeram muito sucesso. Em 1929, Gruelle voltou aos quadrinhos, produzindo uma nova série, 'Brutus', que durou até 1938.